DEUS É SANTO!

Como posso me aproximar dele?

R. C. SPROUL

DEUS
É SANTO!

Como posso me aproximar dele?

R. C. SPROUL

DEUS É SANTO!

Como posso me aproximar dele?

Deus é Santo - Como posso me aproximar dele?
Traduzido do original em inglês
God is Holy and we're not, por R. C. Sproul
Copyright © 2014 by R. C. Sproul

Publicado por Reformation Trust Publishing
a division of Ligonier Ministries
400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

Copyright©2014 Editora FIEL.
1ª Edição em Português 2014

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Diretor: James Richard Denham III.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Vinicius Musselman Pimentel
Revisão: Editora Fiel
Diagramação: Rubner Durais
Capa: Rubner Durais
ISBN: 978-85-8132-184-4

FIEL Editora

Caixa Postal 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

Palavra Introdutória 7

1 – A Centralidade da Santidade 11

2 – A Reverência à Santidade 21

3 – O Significado da Santidade 35

4 – O Trauma da Santidade 45

5 – A Necessidade da Santidade 59

6 – A Justiça da Santidade 75

7 – A Paz da Santidade 89

8 – O Chamado à Santidade 99

Palavra Introdutória

Caro leitor,

Você acredita em Deus? Quem ele é para você? Você pode se aproximar dele?

Normalmente, não gostamos muito de pensar ou falar sobre essas coisas. Afinal, futebol, política e religião não se discutem, não é mesmo?

Mas você recebeu esse livrinho num contexto que envolve o futebol. Ele chegou a você durante a Copa do Mundo do Brasil de 2014. Esse também é ano de eleições no Brasil. Então, já que a época é propícia para se falar de

futebol e política, então pedimos sua licença para conversar sobre Deus também.

Você notou? Não disse que falaríamos sobre religião. Vamos falar sobre algo que a ultrapassa em importância. Vamos falar sobre Deus.

Perguntei se você acredita em Deus e se você pode se aproximar dele. Agora tenho uma outra pergunta: como você pode ter um conhecimento correto sobre Deus?

Deus é muito superior àquilo que imaginamos, então precisamos que ele se revele a nós. E ele se revelou! E isso foi registrado na Bíblia.

A Bíblia é o livro de Deus. É Deus falando com a humanidade e se apresentando a ela. Deus conta sua própria história. Quem ele é. Como ele é. Ele também conta a nossa história. A história da humanidade. Quem somos. E fala ainda do seu relacionamento com o ser humano.

O autor deste livro crê em Deus e na Bíblia. Ele fala sobre uma característica de Deus que para muitos parece irrelevante e estranha: a santidade de Deus.

Mas antes de chegarmos ao argumento do autor, queremos falar um pouco mais sobre o que a Bíblia diz a respeito de Deus.

A Bíblia fala de um Deus todo-poderoso, que criou todas as coisas que existem. Ele criou a humanidade e es-

tabeleceu um relacionamento de amor com os homens.

Mas a humanidade rejeitou Deus. Transgrediu seus mandamentos e rebelou-se contra ele. A humanidade se alienou de Deus.

Deus, sendo perfeito e justo, não poderia tolerar que esse pecado ficasse impune. Seria como se um juiz ignorasse a culpa de um criminoso. Isso significa que todos os homens estão não só alienados de Deus, não só em inimizade contra ele, mas também debaixo da sua condenação. A lei divina coloca como principal mandamento amar a Deus sobre todas as coisas. Você já violou esse mandamento? Ou melhor, você acha que conseguiu cumprir isso sequer um segundo? Isso comprova como estamos alheios a Deus. E isso é sério! Tão sério que Deus um dia irá julgar tudo o que fizemos e a pena para quem quebrou sua lei é a morte eterna, o inferno.

Mas há algo mais na Bíblia. Algo chamado de "Boa notícia".

Esse Deus santo e justo, também é um Deus de amor e ele fez o impensável! Como nós jamais conseguiríamos nos aproximar dele, ele veio até nós. Ele poderia simplesmente nos deixar morrer em nossa culpa, porém, em sua graça, o Pai enviou seu precioso Filho para viver uma vida perfeita entre nós, em carne e osso, ser cru-

cificado e ressuscitar ao terceiro dia por nós. Sim, por pecadores que o ignoram! Jesus Cristo quando morreu na cruz pagou a pena dos crimes que cometemos contra Deus. Essa boa notícia é o Evangelho de Jesus Cristo.

Então, há uma forma através da qual você pode se aproximar de um Deus santo, e é através de Jesus Cristo. Mas para isso, ele precisa ser o seu representante diante do Juiz de toda terra. Para isso, há algo que você precisa fazer. O quê? Você precisa se arrepender de seus pecados e crer em Cristo. Se arrepender dos seus pecados é passar a vê-los como eles realmente são: práticas e pensamentos que transgridem a lei de Deus e o separam dele. Crer em Jesus é confiar nele, confiar que ele é quem diz ser – o Deus encarnado, Salvador e Senhor – e que só ele é capaz de fazer o que prometeu – aproximá-lo de Deus através da sua morte.

Deus é santo. Como posso me aproximar dele?

Leia esse livro, e você encontrará respostas.

Ministério Fiel e Ministério Ligonier

Capítulo Um

A Centralidade da Santidade

Eu era um novo convertido à fé cristã evangélica. Minha conversão foi repentina e dramática; para mim, uma réplica da experiência do apóstolo Paulo na estrada de Damasco, conforme registrado na Bíblia em Atos 9. Uma nova paixão me consumia e me fazia desejar estudar a Escritura, aprender como orar, crescer em graça e vencer os vícios que acometiam meu caráter e a crescer em graça. Eu queria desesperadamente fazer com que minha vida tivesse um impacto para Cristo.

Mas faltava algo estava em minha nova vida cristã. Eu tinha zelo abundante, mas era marcado por certa su-

perficialidade, uma espécie de simplismo que me tornava uma pessoa unidimensional. Eu era um tipo de unicista. Eu sabia quem era Jesus, mas Deus o Pai era envolto em mistério. Ele estava oculto, um enigma à minha mente e um estranho à minha alma.

Algo aconteceu em uma tarde de inverno que mudou tudo isso. Naquele noite, algo me compeliu a levantar e sair do quarto do meu dormitório na faculdade. Eu levantei rapidamente e me vesti. Em uma noite fria e escura, atravessei o campus, protegendo-me do frio e esmagando a neve sob meus pés, até que cheguei à capela.

Na acarpetada capela-mor, prostrei-me de joelhos, mas nada tinha a dizer. Fui tomado por terror, que logo se foi, dando lugar para algo diferente: uma onda de paz fora do comum. De imediato, fui confortado. Eu queria permanecer ali, simplesmente desfrutando a presença de Deus.

Aquele momento foi transformador. Algo no fundo do meu espírito foi definido de uma vez por todas. Daquele momento em diante, não haveria mais volta. Eu estava à sós com Deus. Um Deus santo. Um Deus maravilhoso. Um Deus que poderia encher-me de terror em um segundo e paz, no próximo. Eu sabia, naquela hora, que tinha provado do Santo Graal. Dentro de mim, brotou uma nova sede que jamais poderia ser satisfeita neste mundo.

O que poderia levar um universitário a buscar a presença de Deus no meio da noite? Algo havia acontecido naquela tarde em uma sala de aula que acabou me levando àquela capela.

Eu estava fazendo uma matéria de filosofia. Era uma matéria pela qual tinha pouco interesse. Eu havia escolhido uma especialização sobre a Bíblia, e pensei que as especulações abstratas da classe de filosofia eram uma perda de tempo. Não encontrei nenhum alimento para minha alma, nada que estimulasse a minha imaginação; somente quebra-cabeças intelectuais maçantes e difíceis, que me deixavam apático.

A classe do dia era sobre um filósofo cristão chamado Aurélio Agostinho, mais conhecido como Santo Agostinho. O professor lecionava sobre a visão de Agostinho a respeito da criação do mundo.

Eu estava familiarizado com o relato bíblico da criação. Eu sabia que o Antigo Testamento começava com as palavras "No princípio, Deus criou os céus e a terra." Mas eu jamais havia pensado profundamente sobre o ato inicial da criação. Agostinho sondou este glorioso mistério e levantou a seguinte questão: "como isso foi feito?"

"No princípio." Parecia o começo de um conto de fadas: "era uma vez." O problema é que no princípio, não

havia tempo como entendemos ser aquilo que chamamos "uma vez". O que havia antes do princípio de Gênesis 1?

Essa pergunta doía a minha cabeça. Antes do mundo começar, não havia nada. Mas que raios é o "nada"? Você já tentou pensar sobre o nada? Onde podemos encontrá-lo? Obviamente, em nenhum lugar. Por quê? Porque ele não é nada e o nada não existe. O nada não pode existir, caso contrário seria algo.

Nossa compreensão de criatividade envolve a modelagem e a formação de tinta, argila, notas em papel ou alguma outra substância. Mas Agostinho ensinou que Deus criou o mundo do nada. A criação foi semelhante a um mágico tirando um coelho da cartola. Com a exceção de que Deus não tinha um coelho e nem mesmo uma cartola. Uma vez não havia nada e, de repente, pelo comando de Deus, havia o Universo.

O primeiro som pronunciado no Universo foi a voz de Deus comandando: "Haja." Na verdade, é impróprio dizer que esse foi o primeiro som no Universo, porque quando aquele som foi emitido, não havia Universo. Deus exclamou em um vazio.

O comando criou suas próprias moléculas para carregar as ondas sonoras da voz de Deus cada vez mais longe no espaço. No entanto, ondas sonoras demorariam

demais. A velocidade desse imperativo excedeu a velocidade da luz. Assim que palavras deixaram a boca do Criador, as coisas começaram a acontecer. Aonde sua voz reverberava, estrelas apareciam, cintilando em brilho indizível ao ritmo da canção dos anjos.

O ato da criação foi o primeiro evento na história. Também foi o mais deslumbrante. O Supremo Arquiteto olhou para o seu complexo projeto e exclamou ordens para que os limites do mundo fossem definidos. Falou, e os mares foram encerrados atrás de portas e as nuvens se encheram de partículas de água. Amarrou o grupo estelar das Plêiades e afivelou a constelação de Órion. Falou novamente, e a terra se encheu de pomares em plena florescência. Florações desabrocharam como a primavera em Holambra.

Deus mais uma vez falou, e as águas enxamearam de seres viventes. O caracol escondeu-se ao vulto da arraia, enquanto o grande marlim rompia a superfície das águas para desfilar sobre as ondas com sua cauda.

E Deus disse: "Isso é bom".

Então Deus se inclinou até a terra e cuidadosamente modelou um pedaço de barro. Levantou-o cuidadosamente até os seus lábios e soprou sobre ele. O barro começou a se mover. Começou a pensar. Começou a

sentir. Começou a adorar. Estava vivo e estampado com a imagem de seu Criador.

Alguns teóricos modernos acreditam que o mundo foi criado pelo nada. Note a diferença entre dizer que o mundo foi criado *do* nada e dizer que o Universo foi criado *pelo* nada. Nesse ponto de vista moderno, o coelho pula da cartola, mas sem o coelho, a cartola ou mesmo o mágico. A visão moderna é muito mais milagrosa que a visão bíblica. Ela sugere que o nada criou algo, de fato, tudo.

Agora, certamente não há nenhuma pessoa séria nesta era científica alegando que o Universo foi criado pelo nada, há? Sim. Muitas. Para deixar claro, elas usualmente não afirmam isso precisamente da forma que eu disse, e provavelmente ficariam irritadas por eu ter descrito a visão delas dessa forma. Sem dúvida, protestariam por eu ter dado uma caricatura distorcida da visão sofisticada delas. Tudo bem. É verdade, eles não dizem que o Universo foi criado pelo nada; eles dizem que o Universo foi criado pelo acaso. Mas o acaso não é algo. Não possui peso, medida, nem poder. É meramente uma palavra que usamos para descrever possibilidades matemáticas. Ele não pode fazer nada. Não pode fazer nada pois nada é. Dizer que o Universo foi criado pelo acaso é dizer que veio do nada.

Agostinho entendeu que o mundo não poderia ter sido criado pelo acaso. Ele sabia que era necessário algo ou alguém com poder – o próprio poder de criação – para realizar o trabalho. Ele sabia que algo não pode vir do nada. Ele entendia que em algum lugar, de alguma forma, algo ou alguém tinha de possuir o poder de ser. Caso contrário, nada existiria neste momento.

A Bíblia diz: "No princípio, Deus". O Deus que os cristãos adoram é o Deus que sempre existiu. Somente ele pode criar seres, pois possui o poder de ser. Ele não é o nada. Ele não é o acaso. Ele é puro ser, aquele que possui o poder *de ser* em si mesmo. Somente ele é eterno. Somente ele possui poder sobre a morte. Somente ele pode chamar mundos à existência pelo poder de seu comando.

Foram as palavras de Agostinho – Deus criou o mundo do nada pelo simples poder de sua voz – que me levou àquela capela no meio da noite.

Eu sei o que significa ser convertido. Sei o que significa nascer de novo. Também entendo que uma pessoa só pode nascer de novo uma vez. Contudo, a minha experiência na sala de aula, pensando sobre a criação do mundo, foi como se eu tivesse nascido de novo pela segunda vez. Foi como uma conversão, não somente a Deus o Filho, mas a Deus o Pai. De repente, eu tinha

uma paixão por conhecer Deus o Pai em sua majestade, em seu poder.

Minha "conversão" a Deus o Pai não foi sem dificuldades. Apesar de eu estar profundamente impressionado pela noção de um Deus que cria o Universo inteiro do nada, perturbava-me o fato de que o mundo em que vivemos é cheio de sofrimento. Minha próxima pergunta era: como um Deus bom e santo poderia criar um mundo que está em tamanha confusão? Ao estudar o Antigo Testamento, também estava incomodado com histórias sobre Deus ordenar a matança de mulheres e crianças, dele instantaneamente matar Uzá por este tocar a arca da aliança e por outras narrativas que pareciam revelar um lado brutal do caráter de Deus. Como eu poderia amar tal Deus?

Enquanto eu estudava, a ideia central com a qual me deparava na Bíblia era que Deus é santo. Essa ideia me era estranha. Eu não tinha certeza de seu significado. Tornei o assunto uma questão de busca diligente e persistente. Ainda hoje, continuo absorto com o assunto da santidade de Deus. Estou convencido de que essa é uma das ideias mais importantes que um cristão pode apreender. Ela é central para toda a nossa compreensão de Deus e do Cristianismo.

Se eu perguntasse a um grupo de cristãos qual é a prioridade da igreja, estou certo que receberia as mais di-

versas respostas. Alguns diriam "evangelização", outros, "ações sociais" e ainda outros, "crescimento espiritual". Mas ainda estou para ouvir alguém falar sobre as prioridades de Jesus.

Qual é a primeira petição da oração do Pai Nosso? Jesus disse: "vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus" (Mateus 6.9). A primeira linha da oração não é uma petição. É uma forma pessoal de endereçamento. A oração continua: "santificado seja o teu nome, venha o teu reino" (vs. 9-10). Frequentemente confundimos as palavras "santificado seja o teu nome" como parte do endereçamento, como se as palavras fossem "santificado é o teu nome". Nesse caso, as palavras seriam meramente uma atribuição de louvor a Deus. Mas não foi assim que Jesus disse isso. Ele proferiu tais palavras como uma petição, como a primeira petição. Devemos orar para que o nome de Deus seja santificado, que Deus seja considerado santo.

Há uma espécie de sequência dentro da oração. O reino de Deus nunca virá se o nome dele não for considerado santo. Sua vontade jamais será feita na terra, assim como no céu, se o seu nome for profanado aqui. No céu, o nome de Deus é santo. É exalado pelos anjos em um silêncio sagrado. O céu é o lugar onde a reverência a Deus é total. É tolice procurar pelo reino onde Deus não seja reverenciado.

Como entendemos, a pessoa e o caráter de Deus o Pai afetará cada aspecto de nossas vidas. Afetará muito mais do que o que normalmente chamamos de aspectos "religiosos" de nossas vidas. Se Deus é o Criador de todo Universo, então deve se seguir que ele também é o Senhor de todo Universo. Nenhuma parte do mundo está fora de seu senhorio. Isso significa que nenhuma parte de minha vida deve estar fora de seu senhorio.

Deus não somente adentra cada aspecto de nossas vidas, mas também as adentra com sua santidade majestosa. Portanto, devemos procurar entender o que significa "santo". Não há adoração, crescimento espiritual, nem verdadeira obediência sem esse entendimento. Ele define nosso alvo como cristãos. Deus declarou: "sereis santos, porque eu sou santo" (Levítico 11.44). Para alcançar esse alvo, precisamos entender o que é a santidade.

Capítulo Dois

A Reverência à Santidade

O profeta no Israel do Antigo Testamento era um homem solitário. Ele era um indivíduo separado por Deus para uma tarefa penosa. Ele servia como uma espécie de promotor público, apontado pelo Supremo Juiz do céu e da terra para mover uma ação judicial contra aqueles que pecaram contra o tribunal.

O profeta era um mensageiro, um arauto do Rei cósmico. Seus pronunciamentos eram introduzidos pelas palavras "Assim diz o Senhor". A vida dos profetas era turbulenta e muitas vezes curta; o registro da vida dos profetas é similar a história de mártires.

Quando é dito sobre Jesus que ele "era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer" (Isaías 53.3), fica claro que ele fazia parte de uma longa lista de homens que Deus havia apontado para tal sofrimento. A maldição do profeta era a solidão; sua casa era, muita vezes, uma caverna. O deserto era seu local tradicional de encontro com Deus. A nudez era, algumas vezes, seu guarda-roupa, uma berlinda de madeira, sua gravata. Suas canções eram compostas com lágrimas.

Assim era Isaías ben Amoz. No rol de heróis do Antigo Testamento, Isaías se destaca em realce sem igual. Ele foi um profeta de profetas, um líder de líderes.

O que distinguia o profeta Isaías de todos os outros homens era o caráter sagrado do seu chamado. Seu chamado não veio de homens. Ele não poderia se candidatar para o trabalho. Ele precisava ser selecionado – escolhido direta e imediatamente por Deus. O chamado não poderia ser recusado, e o trabalho era vitalício.

O registro do chamado de Isaías é talvez o mais dramático de todos chamados desse tipo no Antigo Testamento. Ele aconteceu no ano da morte do rei Uzias.

Uzias morreu no século VIII a.C. Ele foi um dos melhores reis que governou sobre Judá. Ele não foi um rei como Davi, mas também não era conhecido pela cor-

rupção que marcava os reis do norte, tal como Acabe. Uzias se tornou rei aos dezesseis e reinou por 42 anos.

A Bíblia diz que Uzias começou seu reinado de forma piedosa, fazendo "o que era reto perante o SENHOR" (2 Crônicas 26.4). Ele buscou a Deus, e Deus o abençoou. Pela maior parte de sua carreira, Uzias foi reconhecido como um grande e amado rei.

A história de Uzias termina com um tom de tristeza. Sua carreira foi manchada pelo pecado do orgulho, cometido após ele ter adquirido grande riqueza e poder. Ele audaciosamente entrou no templo e arrogantemente reivindicou o direito que Deus havia dado apenas aos sacerdotes. Quando os sacerdotes do templo tentaram pará-lo, Uzias ficou irado. Enquanto ainda gritava em fúria contra eles, surgiu lepra em sua testa, e ele viveu o resto de sua vida em isolamento.

Quando Uzias morreu, apesar da vergonha de seus últimos anos, houve um período de luto nacional. Isaías foi ao templo, presumivelmente procurando consolo. Ele obteve muito além do que esperava.

> No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. (Isaías 6.1)

Quando Isaías veio ao templo, havia uma crise de soberania na terra. O rei Uzias estava morto. Os olhos de Isaías foram abertos para ver o verdadeiro Rei da nação. Ele viu a Deus, o Soberano, sentado em um trono.

Os seres humanos não têm permissão para ver a face de Deus. As Escrituras advertem que nenhuma pessoa pode ver a Deus e viver. Lembramo-nos do pedido de Moisés em Êxodo 33, quando ele subiu ao monte santo de Deus. Moisés fora uma testemunha ocular de milagres surpreendentes, mas não estava satisfeito. Queria mais. Ele rogou a Deus no monte: "Deixe-me ver sua face. Mostra-me sua glória". O pedido foi negado, mas o Senhor permitiu que Moisés visse suas costas enquanto a glória de Deus passava por ele.

Quando Moisés retornou do monte depois de ter visto as costas do Senhor, seu rosto brilhava. As pessoas ficaram apavoradas e se afastavam dele em temor. Então Moisés colocou um véu sobre o rosto. Se as pessoas ficaram aterrorizadas diante da visão da glória refletida das costas de Deus, como alguém conseguiria contemplar sua santa face diretamente?

No entanto, o objetivo final de todo cristão é ver aquilo que foi negado a Moisés. Queremos ver a Deus face a face. Essa esperança se torna mais do que uma esperan-

ça para o cristão – ela se torna uma promessa. O apóstolo João escreveu: "Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" (1 João 3.2).

Aqui está a promessa de Deus: nós o veremos como ele é. Teólogos chamam essa expectativa de "visão beatífica". Veremos a Deus como ele é, em sua pura essência divina.

Neste momento, é impossível vermos a Deus em sua pura essência. Antes que isso aconteça, precisamos estar purificados. Jesus prometeu a visão de Deus somente a um grupo distinto: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus" (Mateus 5.8). Nenhum de nós é puro de coração neste mundo. É a nossa impureza que nos impede de ver a Deus.

Em sua visão, Isaías avistou serafins por cima de Deus enquanto este se assentava entronizado no templo. O versículo três é o ponto crucial da visão de Isaías. É a canção dos serafins que revela a impressionante mensagem deste texto: "Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória" (Isaías 6.3). A canção é a repetição de uma única palavra: *santo*. A importância da repetição da palavra *santo* pode passar facilmente despercebida. É um recurso literário encontra-

do na literatura hebraica, principalmente na poesia. É um tipo de ênfase.

Em poucas ocasiões a Bíblia repete algo três vezes seguidas. Mencionar algo três vezes seguidas é elevá-lo ao grau superlativo. Por exemplo, o terrível julgamento de Deus é declarado assim no livro de Apocalipse: "Ai! Ai! Ai dos que moram na terra" (Apocalipse 8.13).

Apenas uma vez na Sagrada Escritura um atributo de Deus é elevado ao terceiro grau. Somente uma característica de Deus é mencionada três vezes seguidas. A Bíblia diz que Deus é *santo, santo, santo*. Ele não é meramente "santo", ou mesmo "santo, santo". Ele é "santo, santo, santo".

> Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos! (Isaías 6.5)

Ao som da voz dos serafins, as portas do templo tremeram. O material inerte do batente da porta teve o bom senso de se deixar estremecer pela presença de Deus. Mas não eram apenas as portas que tremiam. O que mais tremia era o corpo de Isaías. Quando viu ao Deus vivo, ele clamou: "Ai de mim!".

O clamor de Isaías soa estranho ao ouvido moderno. É raro ouvirmos alguém usar a expressão "ai" hoje em dia. Já que essa expressão é antiga e arcaica, alguns tradutores modernos preferiram substituí-la por outra expressão. Esse é um erro sério. A expressão "ai" é um termo bíblico crucial que não podemos nos dar o luxo de ignorar.

A força total da exclamação de Isaías deve ser vista no contexto de um tipo especial de discurso encontrado na Bíblia. Quando os profetas pronunciavam suas mensagens, a forma mais comum era o oráculo. Oráculos eram pronunciamentos de Deus, que podiam ser boas ou más notícias. Os oráculos positivos começavam com a palavra "bem-aventurado". Jesus usou essa fórmula nas Bem-aventuranças. Seus ouvintes compreendiam que ele usava a fórmula do profeta. Esses oráculos traziam boas novas.

Jesus também usou a forma negativa do oráculo. Enquanto denunciava os fariseus, ele pronunciou o julgamento de Deus sobre suas cabeças. Na boca do profeta, o "ai" é um anuncio de condenação.

O uso de Isaías do "ai" foi extraordinário. Quando viu o Senhor, ele pronunciou o julgamento de Deus sobre si mesmo. "Ai de mim!", ele clamou, invocando a

maldição de Deus sobre sua própria cabeça. Uma coisa é o profeta amaldiçoar alguém em nome de Deus; outra totalmente diferente é o profeta proclamar a maldição sobre si mesmo.

Imediatamente após a maldição de condenação, Isaías clamou: "Estou perdido". Eu prefiro a tradução mais antiga, que diz: "Vou perecendo". Perecer significa acabar-se. Um súbito vislumbre de um Deus santo, e toda a autoestima de Isaías foi abalada. Enquanto podia se comparar com outros mortais, ele era capaz de manter uma opinião elevada sobre seu próprio caráter. No instante que ele se mediu diante do padrão último, ele foi destruído – moralmente e espiritualmente aniquilado.

A súbita consciência de ruína estava ligada à boca de Isaías. Ele clamou: "sou homem de lábios impuros". Poderíamos ter esperado que ele dissesse "sou homem de hábitos impuros" ou "sou homem de pensamentos impuros". Em vez disso, ele chamou a atenção imediatamente para a sua boca. De fato, disse: "Tenho uma boca suja". Por que esse ênfase na boca?

Talvez uma pista para a atitude de Isaías possa ser encontrada nas palavras de Jesus, quando afirmou que não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai. Ou poderíamos examinar o discurso de Tiago,

irmão de Jesus, o qual escreveu que a língua "é mal incontido, carregado de veneno mortífero" (Tiago 3.8).

Esta foi a percepção de Isaías. Ele reconheceu que não estava só em seu dilema quando exclamou: "sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios" (Isaías 6.5). Ele entendeu que toda a nação estava infectada de pessoas de boca suja. Instantaneamente, Isaías teve uma compreensão nova e radical do pecado. Viu como este contaminava a si mesmo e a todos.

Temos sorte em Deus não aparecer a nós da mesma forma que o fez com Isaías. Deus normalmente revela a nossa pecaminosidade aos poucos. Mas mostrou a Isaías toda sua corrupção de uma vez. Não é de se admirar que Isaías estava perecendo.

Isaías explicou o ocorrido desta forma: "meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!" (Isaías 6.5). Ele viu a santidade de Deus. Pela primeira vez em sua vida, Isaías realmente entendeu quem Deus era. No mesmo instante, também entendeu, pela primeira vez, quem ele realmente era.

> Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que

> ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado. (Isaías 6.6-7)

Isaías estava moralmente nu e sozinho diante de Deus. Ao contrário do que aconteceu com Adão, Isaías não possuía nenhuma Eva para confortá-lo, nenhuma folha de figueira para ocultá-lo. Ele era plena angústia moral, daquelas que dilaceram o coração de um homem e rasgam sua alma em pedaços.

Mas o santo Deus é também um Deus de graça. Ele se recusou permitir que seu servo continuasse sem conforto. Tomou medidas imediatas para limpar aquele homem e restaurar a sua alma. Comandou um dos serafins para entrar em ação. A criatura angélica se moveu rapidamente, voando para o altar com uma tenaz. Do fogo ardente, o serafim tomou uma brasa viva, tão quente que nem o anjo poderia tocá-la, e voou até Isaías.

O serafim pressionou a brasa nos lábios do profeta e os queimou. O forte cheiro da carne queimada encheu as narinas de Isaías, mas tal sensação foi entorpecida pela dor excruciante. Essa foi uma misericórdia severa, um doloroso ato de purificação. A ferida de Isaías foi cauterizada, a sujeira em sua boca, queimada. Ele fora refinado pelo fogo sagrado.

Neste ato divino de purificação, Isaías experimentou um perdão que foi além da purificação dos seus lábios. Ele foi totalmente purificado, completamente perdoado, mas não sem a terrível dor do arrependimento. Foi além da graça barata e de um leviano "sinto muito". Ele estava enlutado pelo seu pecado, tomado por tristeza moral, e Deus enviou um anjo para curá-lo. Seu pecado foi retirado. Sua carne queimada por um breve segundo trouxe uma cura que se estenderia até a eternidade. Em um momento, o profeta desintegrado estava inteiro novamente. Sua boca havia sido purgada. Ele estava limpo.

> Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim. (Isaías 6.8)

A visão de Isaías toma então uma nova dimensão. Até este ponto, ele havia visto a glória de Deus, ouvido a canção dos serafins e sentido a brasa viva em seus lábios. Agora, pela primeira vez, ele ouve a voz de Deus. De repente, os anjos ficaram em silêncio e a voz ressoou pelo templo; a voz que a Bíblia descreve em outros lugares como o som de muitas águas.

Há um padrão aqui, o qual se repete pela história. Deus aparece; as pessoas estremecem em terror. Deus perdoa e cura; Deus envia. Quando Deus perguntou "a quem enviarei?", Isaías compreendeu o peso de tais palavras. Ser "enviado" é ser um emissário de Deus. A palavra "apóstolo" significa "alguém que é enviado". O apóstolo do Novo Testamento é o profeta do Antigo Testamento. Deus estava buscando um voluntário para ingressar no ofício solitário e extenuante de profeta.

Repare na resposta de Isaías: "eis-me aqui, envia-me a mim". Isaías não estava apenas indicando sua localização. Com essa resposta, Isaías estava dando um passo à frente como voluntário. Sua resposta foi: "Eu irei. Não procure mais. Envia-me."

Todos pregadores são vulneráveis à acusação de hipocrisia. Na verdade, quanto mais fiéis à Palavra de Deus os pregadores forem, mais passíveis de tal acusação serão. Por quê? Porque quanto mais as pessoas forem fiéis à Palavra de Deus, mais elevada será a mensagem que pregarão. Quanto mais elevada a mensagem, mais distante estarão de obedecê-la.

Eu tremo quando falo nas igrejas sobre a santidade de Deus. Posso antecipar as respostas das pessoas. Elas deixam o santuário convencidas de que estiveram

na presença de um homem santo. Porque me ouviram pregar sobre santidade, elas assumem que devo ser tão santo quanto a mensagem que prego. É aí que clamo "ai de mim"!

É perigoso assumir que porque uma pessoa é atraída a estudar a santidade, então ela é uma pessoa santa. Há aqui uma ironia. Estou certo de que a razão pela qual tenho um desejo profundo de aprender sobre a santidade de Deus é precisamente porque não sou santo. Sou um homem profano. Mas provei o suficiente da majestade de Deus para querer mais. Sei o que significa ser perdoado e ser enviado em uma missão. Minha alma clama por mais.

Capítulo Três

O Significado da Santidade

Aqui estamos, já no terceiro capítulo deste livro, e ainda não defini o que significa ser santo.

Eu gostaria de poder adiar esta tarefa ainda mais. As dificuldades envolvidas em definir santidade são vastas. Há tanto contido em "santidade", e tal palavra é tão estranha para nós, que a tarefa parece praticamente impossível. Em um sentido muito real, a palavra *santo* é uma palavra estrangeira. Mas, mesmo quando nos deparamos com palavras estrangeiras, esperamos que um dicionário de língua estrangeira possa nos resgatar, dando

uma tradução clara. O problema com o qual nos deparamos é que a palavra *santo* é uma palavra estrangeira para todos os idiomas. Nenhum dicionário é adequado para essa tarefa.

A dificuldade do nosso problema é agravada pelo fato de que a palavra é usada na Bíblia em mais de uma maneira. Em um sentido, a Bíblia usa a palavra *santo* de forma intimamente relacionada com a bondade de Deus. Costuma-se definir o vocábulo *santo* como "pureza, livre de qualquer mancha, totalmente perfeito e imaculado em todos os aspectos".

Pureza é a primeira coisa que a maioria pensa quando ouve a palavra *santo*. Certamente a Bíblia usa a palavra desta forma. Mas a ideia de pureza ou perfeição moral é, na melhor das hipóteses, um sentido secundário do termo na Bíblia. Quando os serafins cantaram sua canção, eles estavam dizendo muito mais sobre Deus do que "puro, puro, puro".

O significado primário de *santo* é "separado". Vem de uma palavra ancestral que significa "cortar" ou "separar". A tradução desse sentido básico em linguagem contemporânea seria "em outro patamar". Talvez a expressão "em um patamar superior" seria ainda mais exata. Quando encontramos uma roupa ou ou-

tra mercadoria que seja extraordinária, que tenha uma excelência superior, dizemos que aquilo está "em um patamar superior".

A santidade de Deus é mais do que ser simplesmente separado. Sua santidade é também transcendental. O termo *transcender* significa literalmente "estar ou ir além de". Transcender é elevar-se acima de algo, ir além e ultrapassar certo limite. Quando falamos da transcendência de Deus, falamos sobre o senso de que Deus está acima e além de nós. A expressão *transcendência* descreve sua grandeza suprema e absoluta. Ela é usada para descrever o relacionamento de Deus com o mundo. Ele é mais elevado que o mundo. Possui poder absoluto sobre o mundo. O mundo não possui nenhum poder sobre ele. Transcendência descreve Deus em sua majestade consumidora, excelência elevada. Aponta para a distância infinita que o separa de toda criatura.

Quando a Bíblia chama Deus de "santo", ela quer dizer primariamente que Deus é transcendentalmente separado. Ele está tão acima e além de nós que nos parece estranho. Ser santo é ser "outro", é ser diferente de uma maneira especial. O mesmo significado básico é usado quando a palavra *santo* é aplicada a coisas terrenas, incluindo *terra santa, nação santa* e *pão santo*.

Em cada caso, a palavra *santo* é usada para expressar algo além da qualidade moral ou ética. As coisas santas são coisas separadas das demais.

Coisas terrenas que são chamadas de "santas" não são santas em si mesmas. Para se tornarem santas, elas precisam primeiro ser consagradas ou santificadas por Deus. Somente Deus é santo em si mesmo. Somente Deus pode santificar algo. Somente Deus pode dar o toque que transforma algo comum em algo especial, diferente e separado.

Note como o Antigo Testamento considera coisas que foram santificadas. Tudo o que é santo carrega um caráter peculiar. Foi separado do uso comum. Não pode ser tocado; não pode ser comido; não pode ser utilizado para afazeres comuns.

De onde vem a pureza? Estamos tão acostumados a igualar santidade com pureza ou perfeição ética que sempre procuramos por essa ideia quando aparece a palavra *santo*. Quando algo é santificado, consagrado, ele é separado para a pureza. Deve ser usado de uma forma pura. Deve refletir tanto a pureza quanto a separação. A pureza não está excluída da ideia de santidade; mas está contida. Mas o ponto que devemos lembrar é que o sentido da palavra santo jamais é exaurido pela ideia de pureza. Inclui

pureza, mas é muito mais que isso. É pureza e transcendência. É uma pureza transcendente.

Encontramos outro problema quando usamos a palavra *santo* para descrever Deus. Comumente descrevemos Deus compilando uma lista de qualidades ou características, as quais chamamos de atributos. Dizemos que Deus é espírito, que tudo sabe, que é amoroso, justo, misericordioso, gracioso e assim por diante. A tendência é adicionar a ideia de santo a essa longa lista de atributos, como sendo mais um dentre muitos. Mas quando a palavra *santo* é aplicada a Deus, não significa um único atributo. Pelo contrário, Deus é chamado de "santo" em um sentido geral. A palavra é usada como sinônimo de sua deidade. Ou seja, a palavra *santo* chama a atenção para tudo o que Deus é. Ela nos lembra que o amor de Deus é um amor santo, sua justiça, uma justiça santa, sua misericórdia, uma misericórdia santa, seu conhecimento, um conhecimento santo.

O toque de Deus naquilo que é comum transforma-o repentinamente em incomum. Somente Deus pode tonar algo santo. Quando chamamos de santo algo que não o é, cometemos o pecado da idolatria. Damos a coisas comuns o respeito, admiração, louvor e adoração que pertencem somente a Deus. Adorar a criatura em vez do Criador é a essência da idolatria.

Na Antiguidade, a fabricação de ídolos fazia parte de um negócio lucrativo. Alguns ídolos eram feitos de madeira, outros, de pedra e outros, de metais preciosos. O fabricante de ídolos ia ao mercado, adquiria os melhores materiais e ia então para sua oficina realizar sua obra. Ele trabalhava longas horas modelando imagens do material adquirido, usando as melhores ferramentas e instrumentos. Ao terminar, varria o chão de sua oficina e guardava suas ferramentas cuidadosamente no armário. Então, prostrava-se e começava a falar com o ídolo que acabara de esculpir. Imagine falar com um pedaço inerte de madeira ou pedra. Aquela coisa jamais poderia ouvir o que era dito. Não poderia responder. Nem oferecer qualquer ajuda. Era surdo, mudo, incapaz e impotente. E mesmo assim, as pessoas atribuíam um poder santo a tais objetos e os adoravam.

Alguns idólatras eram um pouco mais sofisticados. Não adoravam uma imagem de pedra ou totens. Eles começaram a adorar o sol ou a lua ou ainda uma ideia abstrata. Mas o sol também é algo que foi criado. Não há nada transcendente e santo a respeito da lua. Todas essas coisas fazem parte da natureza. Foram todas criadas. Podem ser impressionantes, mas não vão além ou ultrapassam sua condição de criação.

Adorar um ídolo envolve chamar algo de santo quando não o é. Não é um ato genuíno de consagração quando um ser humano tenta consagrar algo que Deus nunca consagrou. É um ato de profanação. É um ato de idolatria.

No começo do século XX, um erudito alemão chamado Rudolf Otto realizou um estudo inusitado e interessante sobre o "santo". Ele tentou estudar o assunto em uma abordagem científica. Otto notou que embora certas coisas possam ser ditas sobre o santo, sempre havia um elemento que desafiava a explicação. Não que tal elemento fosse irracional. Não, era suprarracional, além dos limites das nossas mentes. Havia algo além sobre essa experiência humana, algo que não poderia ser descrito em palavras.

Otto cunhou um termo especial para o santo. Ele o chamado de *mysterium tremendum*. Uma tradução direta do conceito seria "mistério tremendo". Otto falou de *tremedum* (tremendo) por causa do temor que o santo provoca em nós. O santo nos enche com um tipo de pavor. Usamos expressões como "gelei" ou "fiquei arrepiado" para descrever esse sentimento.

Nossos sentimentos sobre o santo tendem a ser ambíguos. Em um sentido, somos ao mesmo tempo atraídos e repelidos. Algo nos atrai a ele, ao passo que ao mesmo tempo queremos sair correndo. Parece que não

conseguimos decidir o que queremos. Parte de nós anela pelo santo, e parte o despreza. Não podemos viver com ele, e não podemos viver sem ele.

Nossa atitude com relação ao santo assemelha-se a nossa atitude com histórias de fantasmas e filmes de terror. Crianças imploram a seus pais para que lhes conte histórias de fantasmas até que, de tão assustadas, imploram para que parem. Eu odeio levar minha esposa a filmes de terror. Ela ama esse tipo de filme até começar a assistir – ou, devo dizer, não assistir. É sempre a mesma coisa. Primeiro ela agarra meus braços e crava nele suas unhas. Meu único alívio é quando ela remove suas mãos de meu braço para cobrir seus olhos com ambas as mãos. O próximo passo é se levantar e ir para o fundo do cinema, onde pode encostar em uma parede sólida. Lá ela se sente segura de que nada irá pular por detrás dela e agarrá-la. O passo final é abandonar o cinema e buscar refúgio no corredor. E mesmo assim, ela me diz que ama ver tais filmes.

Em seu estudo sobre a experiência humana com o santo, Otto descobriu que a sensação mais clara que humanos têm quando experimentam o santo é um senso avassalador e esmagador de sua condição de criatura. Ou seja, quando nos tornamos conscientes da presença de

Deus, tornamo-nos mais consciente de que somos criaturas. Quando nos encontramos com o Absoluto, sabemos imediatamente que não somos absolutos. Quando encontramos o Infinito, tornamo-nos intensamente conscientes de que somos finitos. Quando encontramos o Eterno, sabemos que somos temporais.

Ser relembrados de que somos criaturas não é normalmente algo agradável. As palavras da tentação original de Satanás são difíceis de serem apagadas de nossas mentes. "Sereis como Deus", ele disse (Gênesis 3.5). Nós amaríamos ser capazes de acreditar nessa sinistra mentira de Satanás. Se pudéssemos ser como deuses, seríamos imortais, infalíveis e irresistíveis. Teríamos uma série de outros poderes que atualmente não temos nem podemos ter.

A morte muitas vezes nos assusta. Quando vemos outra pessoa morrer, somos relembrados que também somos mortais, e que algum dia a morte também nos alcançará. É como se tentássemos repelir isso da nossa mente. Ficamos desconfortáveis quando a morte de alguém rudemente se introduz em nossas vidas e nos lembra do que enfrentaremos em uma data futura, que desconhecemos. A morte nos lembra que somos criaturas.

Contudo, por mais assustadora que seja a morte, nada se compara com encontrar um Deus santo. Quando

o encontramos, a totalidade da nossa condição de criatura arrebenta sobre nós e esmigalha o mito que críamos sobre nós mesmos, o mito de que somos semideuses, divindades mirins que viverão para sempre.

Como criaturas mortais, somos expostos a todo o tipo de temores. Somos pessoas ansiosas, dadas a fobias. Alguns temem gatos, outros, cobras e outros, aglomerações ou alturas.

Há um tipo especial de fobia da qual todos sofremos. Chama-se xenofobia. Xenofobia é o medo (e, algumas vezes, ódio) de estranhos ou estrangeiros ou qualquer coisa que seja estranha ou estrangeira. Deus é o alvo último de nossa xenofobia. Ele é o supremo estranho. Ele é o supremo estrangeiro. Ele é santo, e nós não.

Tememos a Deus porque ele é santo. Nosso medo não é o temor saudável que a Bíblia nos encoraja a ter. Nosso medo é um temor servil, nascido do pavor. Deus é grande demais para nós; ele é tremendo demais. Ele faz demandas difíceis a nós. Ele é o misterioso estranho que ameaça nossa segurança. Em sua presença estremecemos e trememos. Encontrá-lo pessoalmente pode ser nosso maior trauma.

Capítulo Quatro

O Trauma da Santidade

O Mar da Galileia é uma das grandes belezas da natureza. O mar é um grande lago que enche uma bacia cercada de montanhas. Sua água fresca é uma importante fonte de vida para o interior árido da Palestina. Mas o lago também é perigoso.

Por causa de sua localização peculiar entre o Mar Mediterrâneo e o deserto, o lago é exposto a estranhos caprichos da natureza. Ventos violentos podem varrer sua superfície, como que soprados através de um funil. Tais ventos vêm sem aviso e podem transformar o lago

tranquilo em uma tempestade estrondosa em questão de segundos. Mesmo com o equipamento moderno dos dias de hoje, algumas pessoas se recusam a navegar o Mar da Galileia temendo perecer sob a ira da violenta disposição do lago.

Um dia, ao lado deste inconstante mar, após ensinar as multidões que ali se reuniram, Jesus disse aos seus discípulos: "Passemos para a outra margem" (Marcos 4.35). Os discípulos possuíam dois pontos a seu favor enquanto rumavam através do notoriamente inconstante corpo de água. Primeiro, os discípulos eram pescadores profissionais, veteranos do lago. Eles conheciam as correntezas do lago, seu temperamento e sua beleza. E segundo, eles estavam com o Mestre.

Os discípulos nada temeram quando Jesus sugeriu que cruzassem o mar à noite. Prepararam seus barcos e prepararam-se para fazer a travessia. Então o mar teve um acesso de ira; o lago enfureceu-se: "Ora, levantou-se grande temporal de vento, e as ondas se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava a encher-se de água" (Marcos 4.37).

Justamente aquilo que todo pescador galileu mais temia estava acontecendo. A tempestade imprevisível os atingiu; sua violência ameaçava virar o barco. Os homens

agarraram de tal forma as amuradas que seus dedos empalideceram. Uma reviravolta súbita, uma onda alta que os atingisse poderia levá-los à morte. Eles lutaram vigorosamente contra o mar, tentando conduzir a proa pelas ondas.

E mesmo com tudo isso, a Bíblia fala que Jesus dormia sobre um travesseiro na popa do barco. Os discípulos sentiram uma mistura de temor e raiva. Eles foram acordar a Jesus. Não sei o que pensaram que ele poderia fazer sobre a situação. O texto deixa claro que não esperavam que ele fizesse o que fez. Para todos os efeitos, a situação era desesperadora.

Quando as pessoas estão sob risco de vida, quando são expostas ao perigo e não sabem o que fazer, elas imediatamente olham para seu líder. É função do líder saber qual é o próximo passo, mesmo que não haja nenhum passo possível. "Eles o despertaram e lhe disseram: Mestre, não te importa que pereçamos?" (Marcos 4.38).

A pergunta deles não era bem uma pergunta. Era uma acusação. A sugestão estava sutilmente velada. Na verdade, eles estavam dizendo: "você não se importa se afundarmos". Eles estavam acusando o Filho de Deus de falta de compaixão. Esse ataque ultrajante contra Jesus é consistente com a atitude costumeira da humanidade para com Deus.

Não há indicação no texto de que ele tenha respondido à "pergunta" dos discípulos. Sua resposta pulou as palavras e foi direto para a ação. Ele poupou suas palavras para o mar e a tempestade:

> E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Acalma-te, emudece! O vento se aquietou, e fez-se grande bonança. Então, lhes disse: Por que sois assim tímidos?! Como é que não tendes fé? (Marcos 4:39-40)

A vida de Jesus foi um resplandecer de milagres. Ele realizou tantos deles que é fácil nos cansarmos deles. Podemos ler a narrativa e passar para a próxima página sem sermos comovidos. Contudo, temos aqui um dos milagres mais espantosos entre todos que Jesus realizou. Temos um evento que impressionou os discípulos de forma especial. Foi um milagre inimaginável, até para eles.

Jesus controlou as furiosas forças da natureza pelo som de sua voz. Ele não fez uma oração. Não pediu ao Pai que o livrasse da tempestade. Ele lidou com a situação diretamente. Ele pronunciou um comando, um imperativo divino. Instantaneamente, a natureza obedeceu. O vento ouviu a voz do seu Criador. O mar reconheceu o comando do seu Senhor. Instantaneamente, o vento se aquietou.

Perceba a reação dos discípulos. O mar estava calmo agora, mas eles ainda estavam agitados: "E eles, possuídos de grande temor, diziam uns aos outros: Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?" (Marcos 4.41).

Vemos uma dinâmica estranha se desdobrando aqui. Não é nenhuma surpresa que a tempestade e o mar tempestuoso tenham assustado os discípulos. Mas uma vez que o perigo passara e o mar se acalmara, era de se esperar que o medo deles também desaparecesse, tão repentinamente quanto a tempestade. Não foi isso que aconteceu. Agora, que o mar estava calmo, o medo dos discípulos aumentou. Como explicamos isso?

As palavras que os discípulos falaram depois que Jesus acalmou a tempestade são muito reveladoras. Eles clamaram: "Quem é este?" Uma outra tradução da Bíblia traz: "Que tipo de homem é este, que até mesmo o vento e o mar lhes obedecem?" Eles perguntavam uma questão sobre "tipo". Eles procuravam uma categoria para encaixar Jesus, uma categoria que lhes fosse familiar. Se conseguimos classificar as pessoas em certos tipos, sabemos imediatamente como lidar com elas. Os discípulos não encontraram nenhuma categoria adequada para expressar a pessoa de Jesus. Ele estava em uma categoria singular.

O relato de Cristo acalmando a tempestade se repetiu no ministério de Jesus. Em outra ocasião, Jesus ensinava à beira do Mar da Galileia quando entrou no barco de Pedro e lhe pediu para ir aonde as águas fossem mais fundas. Pedro havia pescado por toda a noite, sem pegar nenhum peixe. Ao comando de Jesus, Pedro jogou suas redes novamente. Desta vez, o resultado foi diferente. Para seu espanto, Pedro viu suas redes se encherem de peixe até a capacidade máxima.

Em vez de pensar em todo lucro que teria ao vender os peixes, Pedro ficou desesperadamente incomodado. Sua resposta imediata foi uma de adoração: "Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador" (Lucas 5.8).

A história da vida de Jesus é uma história repleta de pessoas se espremendo pelas multidões simplesmente para chegarem perto dele. É o leproso clamando: "Tenha misericórdia de mim". É a mulher com hemorragia por doze anos tocando na orla de suas vestes. É o ladrão na cruz se esforçando para ouvir as últimas palavras de Jesus. São pessoas dizendo: "Aproxime-se de mim. Olhe para mim. Toque-me".

Mas não Pedro. Seu apelo angustiado foi diferente: ele pediu que Jesus se retirasse, se afastasse e o deixasse

só. Por quê? Pedro afirma precisamente por que deseja que Jesus se retirasse: "sou pecador". Pessoas pecadoras não ficam confortáveis na presença do santo.

Um dos fatos estranhos da história é a constante boa reputação que Jesus de Nazaré desfruta mesmo entre os incrédulos. Pessoas que são abertamente hostis à igreja e que desprezam cristãos, muitas vezes não restringem seus elogios a Jesus. Até mesmo Friedrich Nietzsche, que anunciou a morte de Deus e lamentou a decadência da igreja, falou de Jesus como um modelo de heroísmo.

Com todos os aplausos que Jesus recebe pode parecer difícil entender por que seus contemporâneos o mataram. Por que os fariseus o detestavam? Por que um sujeito tão simpático e íntegro foi condenado à morte pelo maior tribunal religioso na terra?

Para entendermos esse mistério, precisamos olhar para a história de Israel. Nos dias de Jesus, os profetas do Antigo Testamento eram venerados. Eles eram os imponentes e populares heróis do passado. Porém, em vida, eles foram odiados, caluniados, rejeitados, desprezados, perseguidos e mortos pelos seus contemporâneos. Essa dinâmica foi ressaltada na vida de Estevão, o primeiro mártir cristão. Ele foi assassinado por uma multidão furiosa porque lembrou seus ouvintes sobre o sangue que tinham em suas mãos.

As pessoas possuem uma apreciação pela excelência moral, desde que esteja a uma distância segura delas. Os judeus honravam os profetas – à distância. O mundo honra a Jesus Cristo – à distância. Pedro queria estar com Jesus – até que este se aproximou demais. Daí Pedro clamou: "Por favor, vá embora".

Na década de 1970, o livro *The Peter Principle* {O Princípio de Peter} de Laurence Peter e Raymond Hull alcançou o topo da lista dos mais vendidos. O ponto fundamental do ensino do livro se tornou então um axioma no mundo dos negócios: as pessoas tendem a subir até seu nível de incompetência nas estruturas corporativas.

O Princípio de Pedro envolve a questão de competência e incompetência. O axioma de que as pessoas tendem a subir ao seu nível de incompetência é baseado em um estudo de promoções no mundo dos negócios. Quando as pessoas vão bem, elas são promovidas. Sua ascensão é finalmente detida quando elas param de ir bem. Quando param de ir bem, elas deixam de receber promoções e estão fadadas a passar o resto de sua vida profissional um degrau acima de seu nível de competência.

Nem todos caem na armadilha do Princípio de Pedro. Peter e Hull mencionam duas pessoas que escapam a armadilha: os superincompetentes e os supercompeten-

tes. Pessoas superincompetentes não possuem nenhuma oportunidade de subirem ao nível de sua incompetência pois já são incompetentes. Esses são logo descartados.

A grande ironia está no outro grupo que "escapa" o Princípio de Pedro. Esse é o grupo dos supercompetentes. Como pessoas supercompetentes sobem até o topo através das estruturas corporativas? Não sobem. O livro assevera que a grande dificuldade que as pessoas supercompetentes têm em subir a escada corporativa é serem uma ameaça massiva aos seus superiores.

Nem todos aplaudem o sucesso. Lembro-me de uma aluna dos tempos que eu ensinava na universidade. Ela era uma das melhores alunas que tive. Sua média cumulativa era um dez redondo.

Fiquei chocado quando corrigi uma de suas provas durante seu último ano, na qual ela falhou miseravelmente. Seu desempenho foi tão radicalmente diferente de seu nível normal que perguntei o que havia de errado. Ela imediatamente começou a chorar e, entre os soluços, confessou que havia falhado intencionalmente nos exames. Ao se aproximar da graduação, ela temia que jamais encontraria um esposo. "Nenhum dos rapazes quer me namorar", ela disse. "Todos pensam que sou inteligente demais, que não sou nada além de um cérebro." Ela com-

partilhou seu relato de partir o coração sobre sua solidão e o ostracismo da vida social que sofria no campus.

Essa estudante havia cometido o pecado socialmente imperdoável. Ela havia rompido a média. Eu sei o que significa tirar e dar notas padronizadas. Lembro-me dos meus dias de estudante e do sentimento horrível de sair de uma classe de aula depois de ter ido mal em um teste. Lembro-me de como foi música para meus ouvidos quando os professores diziam que a nota dos testes seria baseada na média da turma. Isso me colocava em uma situação na qual eu torcia para que meus colegas fracassassem no teste.

Mas sempre havia "aquele". Enquanto todos acertavam vinte ou trinta por cento da prova, dando evidências irrefutáveis de que a avaliação fora injusta e que o professor era então moralmente obrigado a avaliar de acordo com a média, havia o "crânio" que acertava cem por cento do teste. Ninguém gosta daqueles que rompem a média. Por causa deles, parecemos incompetentes.

Jesus Cristo era uma pessoa que rompia a média. Ele era o supercompetente supremo. Os rejeitados pela sociedade o amavam porque ele lhes dava atenção. Contudo aqueles que se assentavam em posições de honra e poder não toleravam Jesus.

O grupo dentre os judeus que se declarou inimigo mortal de Cristo foi o dos fariseus. Essa facção começou com um homem que tinha um grande zelo pela lei. A busca pela santidade era o principal afazer de suas vidas. Se havia um grupo que deveria celebrar a aparição do santo, seria os fariseus.

Através de sua devoção singular na busca pela santidade, os fariseus alcançaram um nível sem igual de respeito popular por sua piedade e justiça. Eles receberam das pessoas os mais altos louvores. Eram admirados por experts da religião. Sua "santidade" era evidente a todos.

Porém, Jesus os chamou de hipócritas. Ele pronunciou contra eles o oráculo profético de condenação: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas" (Mateus 23.15)! Não havia nenhuma beleza interior nos fariseus. Eles ostentavam sua aparência exterior. Sua santidade era uma farsa.

Jesus ilustrou os fariseus como sendo copos que só estão limpos do lado de fora. Imagine-se em um restaurante e o garçom coloca um copo na sua frente que está brilhando do lado de fora, mas cheio de pó de café do dia anterior por dentro. Assim era o serviço dos fariseus.

Jesus não poupou adjetivos em sua denúncia contra esses homens. Suas palavras foram extraordinariamente duras, porém não injustificadamente duras. Elas eram di-

ferentes de seu estilo usual. A forma normal de repreensão que ele fizera a pecadores era gentil. Parece que Jesus reservou seus comentários severos para os peixes grandes, os profissionais de teologia.

Podemos argumentar que os fariseus odiavam Jesus porque lhes era tão crítico. Ninguém gosta de ser criticado, especialmente pessoas que estão acostumadas com elogios. Mas o veneno dos fariseus era mais profundo que isso. É seguro assumir que se Jesus não lhes tivesse dito nada, ainda o desprezariam.

Alguém já disse que nada acaba com uma mentira mais rapidamente do que a verdade; nada expõe o que é falso mais rápido do que aquilo que é genuíno. A presença de Jesus representava a presença do genuíno em meio ao que era falso. Quando a santidade autêntica apareceu, os falsários não ficaram nada felizes.

Os fariseus não podiam tolerar a Jesus. No Mar da Galileia, os discípulos eram incapazes de encontrar uma categoria para encaixar Cristo; eles não conseguiam responder sua própria pergunta: "que tipo de homem é este?" Os fariseus tinham uma resposta pronta. Eles criaram categorias para Jesus. Ele era um "blasfemador" e um "diabo". Ele tinha de sair de cena. O supercompetente tinha que ser destruído.

O Cristo encarnado não mais caminha na terra. Ele ascendeu aos céus. Ninguém o vê ou fala audivelmente com ele na carne hoje. Porém o poder ameaçador da sua santidade pode ser ainda sentido. Algumas vezes tal ameaça é transferida para seu povo. Da mesma forma como os judeus, aos pés do Monte Sinai, fugiram aterrorizados da face resplandecente de Moisés, também hoje as pessoas se sentem desconfortáveis com a mera presença de cristãos.

Na década de 1970, um dos melhores golfistas profissionais foi convidado para jogar com Gerald Ford, o então presidente dos Estados Unidos, Jack Nicklaus e Billy Graham.

Após o fim da partida, um outro profissional perguntou ao golfista: "Como foi jogar com o presidente e com Billy Graham?"

O profissional desatou uma torrente de xingamentos e revoltado falou: "Eu não preciso que Billy Graham me enfie religião goela abaixo". Assim, deu meia-volta e saiu resmungando para o local de treino.

Após o profissional se acalmar, seu amigo perguntou com cuidado: "O Billy pegou pesado com você lá?" O profissional deu um suspiro embaraçado e disse: "Não, nem sequer mencionou religião. Eu é que tive uma rodada ruim".

Surpreendente! Billy Graham não havia dito uma palavra sobre Deus, Jesus ou religião, e mesmo assim o profissional o acusou depois do jogo de tentar empurrar religião goela abaixo. Como explicamos isso? Não é realmente difícil. Billy Graham é de tal forma identificado com a religião, tão associado com as coisas de Deus, que sua própria presença é o suficiente para perturbar o ímpio que foge sem que ninguém o persiga.

A reação do golfista profissional a Billy Graham foi similar à reação de Pedro a Jesus Cristo: "Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador". Ambos sentiram o trauma da presença do santo. Santidade provoca ódio. Quão maior a santidade, maior será a hostilidade humana contra ela. Parece loucura. Nenhum homem foi mais amável que Jesus Cristo. Porém até o seu amor irritou algumas pessoas. Seu amor era um amor perfeito, mas seu amor traumatizou as pessoas.

As pessoas podem tolerar Jesus; podem até amá-lo – mas à distância. Cristo nos parece seguro somente se for separado do tempo e espaço. Mas quando ele se aproxima, sua própria santidade atrai a ira de homens hostis. Era o julgamento dos fariseus que, pelo bem da nação, Jesus deveria morrer.

Capítulo Cinco

A Necessidade da Santidade

Se fixarmos nossas mentes na santidade de Deus, o resultado pode ser perturbador. O espírito de Martinho Lutero foi atribulado por um conhecimento profundo do caráter de Deus. A personalidade incomum de Lutero foi moldada, em parte, por seu estudo sobre Deus. Será que a personalidade de Lutero foi aprimorada ou desvirtuada? Será que seu espírito foi purificado ou embrutecido por seu encontro com Deus?

"Ame a Deus? Às vezes, eu o odeio." Essa é uma citação estranha de se ouvir vinda de um homem tão respeita-

do por seu zelo religioso como Lutero. Mas ele o disse. Ele é conhecido por fazer algumas declarações chocantes: "Às vezes, Cristo parece não ser nada além de um juiz irado que se aproxima de mim com uma espada em sua mão".

Será que ele era louco? Esse é o homem que impetuosamente jurou se tornar um monge após um raio cair bem perto dele, que inaugurou um movimento que desafiou o papa e que permaneceu firme, desafiando o Sacro Império Romano enquanto era julgado por heresia. Ele era tempestuoso. Dado a declarações bombásticas e insultos; mórbido, e afligido por numerosas doenças, desde problemas estomacais até pedras nos rins. Ele asseverou ser atormentado por demônios e ter várias fobias.

Sua firmeza diante da *Dieta de Worms* é material para filme de Hollywood. Isso foi, sem dúvida, ousado e talvez imprudente. A pergunta então é: como um homem ousou desafiar o Papa e o Imperador, Conselhos e Credos, contra toda autoridade organizada da cristandade da época? Seja qual for o veredito, essa oposição resoluta e solitária, para o bem ou para o mal, dividiu a cristandade.

Por essas e outras razões, algumas pessoas questionaram a sanidade de Lutero. Mas nenhuma dessas foi a razão principal pela qual futuros eruditos o julgariam como insano. Havia algo ainda mais extraordinário, mais

mórbido, na verdade, macabro sobre aquele homem. Era algo relacionado com os padrões comportamentais de Lutero, enquanto era um monge no mosteiro.

Como monge, Lutero se devotou a um tipo rigoroso de asceticismo. Ele decidiu ser o monge perfeito. Jejuava por dias e se afligia com formas severas de autoflagelação. Suas vigílias de oração eram mais longas que a de todos os outros. Recusava os cobertores normalmente fornecidos e quase congelou até a morte. Punia seu corpo tão severamente que mais tarde veio a dizer que foi em sua cela de monge que seu sistema digestivo foi permanentemente danificado.

A prática mais bizarra de Lutero envolvia suas habituais confissões diárias. A exigência era que todos os pecados fossem confessados, a absolvição, concedida e, em seguida, uma pequena penitência, atribuída. Para a maioria dos monges, toda essa transação durava somente alguns poucos minutos.

Mas não com o irmão Martinho. Ele estava levando o confessor que o ouvia à loucura. Lutero não ficava satisfeito com uma breve recitação dos seus pecados. Ele queria ter certeza que nenhum pecado em sua vida ficasse sem confissão. Entrava no confessionário e permanecia diariamente por horas.

Os superiores do mosteiro começaram a duvidar de Lutero. Consideravam a possibilidade de que ele fosse um preguiçoso, preferindo passar suas horas do dia no confessionário em vez de estudar e realizar suas outras tarefas. Finalmente seu mentor repreendeu Lutero por confessar tais trivialidades.

Foi isso, esse complexo de culpa de Lutero, que mais lhe trouxe o veredito de insanidade. Ele era tão mórbido em sua culpa, tão perturbado em suas emoções, que não conseguia mais funcionar como um monge normal. Sequer conseguia funcionar como um ser humano normal. Quaisquer que sejam os mecanismos de defesa que as pessoas normais possuem para emudecer as acusações da consciência, Lutero não os tinha.

Alguns teóricos argumentam que as pessoas podem ter uma visão mais acurada da realidade quando insanos, do que quando sãos. A vida, afinal das contas, é um negócio perigoso. Um homem que observa tudo que poderia dar errado e encontra-se paralisado pela ansiedade está tecnicamente certo. Porém, ele ainda seria anormal porque perdeu as defesas que lhe permitiria ignorar os perigos que nos cercam todos os dias.

Um dos aspectos na formação e personalidade de Lutero é muitas vezes negligenciado pelos analistas psico-

lógicos. Eles ignoram que antes de Lutero ir ao mosteiro, ele já havia se distinguido como uma das jovens mentes mais brilhantes na Europa, no campo da jurisprudência. Lutero era brilhante. Sua compreensão de pontos sutis e difíceis da lei lhe trouxe destaque. Ao aplicar sua mente jurídica astuta à lei de Deus, ele viu coisas que muitos não percebiam.

Lutero examinou o Grande Mandamento: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lucas 10.27). Então perguntou, qual é a grande transgressão? Alguns respondem essa pergunta dizendo que o grande pecado é o assassinato, o adultério, a blasfêmia, ou a incredulidade. Lutero discordou. Ele concluiu que, se o Grande Mandamento é amar a Deus de todo o coração, então a grande transgressão era deixar de amar a Deus de todo o coração. Ele viu uma relação entre grandes obrigações e grandes pecados.

A maioria das pessoas não pensa assim. Nenhum de nós guarda o Grande Mandamento sequer por cinco minutos. Podemos pensar que o fazemos de forma superficial, mas após uma reflexão momentânea torna-se claro que não amamos a Deus de todo o nosso coração

ou de toda a nossa mente ou com toda a nossa força. Não amamos o nosso próximo como a nós mesmos. Podemos fazer tudo ao nosso alcance para evitarmos pensar profundamente sobre isso, mas sempre haverá aquela sensação incômoda no fundo de nossas mentes para nos acusar com o conhecimento certeiro de que, de fato, violamos o Grande Mandamento todos os dias. Como Isaías, também sabemos que ninguém guarda o Grande Mandamento. Aqui está o nosso conforto: ninguém é perfeito. Todos nós falhamos em amar a Deus perfeitamente, então por que se preocupar? Isso não leva pessoas sãs a gastarem seis horas por dia no confessionário. Se Deus for punir todos que falharam em guardar o Grande Mandamento, então teria de punir todo o mundo. O teste é muito difícil, muito exigente; não é justo. Deus teria de nos avaliar de forma comparativa, considerando a média.

Lutero não via dessa forma. Ele percebeu que se Deus tivesse de avaliar de forma padronizada, comprometeria sua própria santidade. Presumir que Deus faria isso é suprema arrogância – e suprema tolice também. Deus não diminui seus próprios padrões para que se conforme a nós. Ele permanece totalmente santo, reto e justo. Mas somos injustos, e é nisso que repousa o nosso dilema. A

mente jurídica de Lutero era assombrada por essa questão: como uma pessoa injusta pode sobreviver na presença de um Deus justo? Enquanto ninguém se preocupava com isso, Lutero estava agonizando:

> Vocês não sabem que Deus habita em luzes inacessíveis? Nós, criaturas fracas e ignorantes, queremos investigar e entender a incompreensível majestade da insondável luz da maravilha de Deus. Nós nos aproximamos; preparamo-nos para nos aproximarmos. Que surpresa então sua majestade nos dominar e estilhaçar! (Roland Bainton, *Here I Stand* {Nashville: Abingdon, 1950}, 43)

Lutero era o extremo oposto do jovem rico que veio a Jesus inquirir sobre sua salvação:

> Certo homem de posição perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. (Lc 18.18-20)

As pessoas normalmente ignoram algo nesse encontro bem conhecido entre Jesus e o jovem rico. É a relevância da forma como o rapaz saúda a Jesus. Ele o chamou de "bom mestre".

Jesus não ignorou essa relevância. Jesus percebeu rapidamente que estava falando com um homem que possuía uma compreensão superficial da palavra *bom*. O homem queria falar com Jesus a respeito da salvação. Em vez disso, Jesus subitamente direcionou a conversa para uma discussão sobre o que é a bondade.

O jovem rico obviamente não conhecia sua Bíblia. Falhou em entender o sentido do salmista:

> Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem. Do céu olha o SENHOR para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. (Salmo 14.1-3)

O espírito humano reage diante dessa acusação tão universal. Certamente as Escrituras estão exagerando. Conhecemos diversas pessoas que são boas. Vemos fre-

quentemente pessoas realizando boas obras. Concordamos que ninguém é perfeito. Mas realizamos de vez em quando algumas obras boas, não é? Essa era precisamente a forma como o jovem rico pensava. Ele mensurava bondade pelo padrão errado.

Deus ordenou que façamos certas coisas. Ele nos ordena a ajudarmos o pobre. Nós ajudamos o pobre. Essa é uma boa obra, não é? Sim e não. É boa no sentido de que nossa ação externa se conforma com o mandamento de Deus. Nesse sentido fazemos muitas vezes o bem. Mas Deus também olha para o nosso coração. Ele se preocupa com as motivações mais profundas. Para uma boa obra alcançar o padrão da bondade de Deus, ela deve fluir de um coração que ama a Deus perfeitamente e ama o próximo perfeitamente também. Já que nenhum de nós alcança esse amor perfeito a Deus e ao nosso próximo, todas as nossas boas obras externas estão maculadas. A lógica da Bíblia é esta: já que ninguém possui um coração perfeito, ninguém realiza uma obra perfeita.

A lei de Deus é o espelho da verdadeira justiça. Quando colocamos nossas obras diante desse espelho, o reflexo nos mostra nossas imperfeições. Jesus colocou esse espelho diante dos olhos do jovem rico: "Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furta-

rás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe" (Lucas 18.20) É importante notar que os mandamentos que Jesus listou para o jovem rico são aqueles incluídos no que é chamado de a "segunda tábua da lei", a qual contém os mandamentos que lidam com a nossa responsabilidade para com os nossos semelhantes. Esses são os mandamentos contra adultério, assassinato, roubo e outros. Notavelmente ausentes no resumo de Jesus, estavam os primeiros mandamentos que lidam explicitamente com a nossa obrigação direta a Deus.

Qual foi a reação do jovem rico? Ele não ficou perturbado. Ele olhou calmamente para o espelho e não viu nenhuma imperfeição. Ele respondeu: "Tudo isso tenho observado desde a minha juventude" (Lucas 18.21).

Acho difícil compreender a paciência de Jesus diante dessa resposta. Eu teria instantaneamente expressado a minha indignação, dizendo que aquele homem era louco ou cego, já que sua obediência era no máximo meramente superficial. Mas Jesus foi mais sutil, e mais efetivo: "Uma coisa ainda te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois, vem e segue-me" (Lucas 18.22).

Jesus o coloca à prova, começando pelo primeiro mandamento: "Não terás outros deuses diante de mim".

Se qualquer coisa vinha antes de Deus na vida daquele jovem rico era seu dinheiro. Jesus o desafia precisamente nesse ponto, no ponto que desafia a obediência do homem ao primeiro mandamento: "vende tudo o que tens".

Como o rapaz reagiu? Como lidou com seu defeito? Ele foi embora triste, pois tinha muitas posses. O homem foi posto à prova dos Dez Mandamentos e foi reprovado na primeira questão.

O ponto da narrativa não é estabelecer uma lei pela qual um cristão deve se livrar de toda a sua propriedade privada. O ponto é que entendamos o que é obediência e o que a bondade de fato requer. Jesus falou que o homem estava blefando e este foi desmascarado.

Quando, séculos depois, Jesus se encontrou com outro jovem, ele não precisou dar uma lição objetiva elaborada para ajudá-lo a entender seu pecado. Ele nunca disse a Lutero: "Uma coisa te falta". Lutero já sabia que muito lhe faltava. Ele era um advogado; ele havia estudado a lei do Antigo Testamento. Ele conhecia as exigências de um Deus puro e santo, e elas o esmagavam.

O gênio Lutero deparou-se com um dilema legal que não podia ser resolvido. Não parecia haver solução possível. A questão que noite e dia o perturbava era como um Deus justo poderia aceitar um homem injusto. Ele

sabia que seu destino eterno estava em jogo. Porém, não encontrava a resposta.

Indivíduos de mentes mais simples continuavam alegremente seu caminho, desfrutando da bênção da ignorância. Satisfaziam-se em pensar que Deus comprometeria sua própria excelência e permitiria que entrassem no céu. Afinal, o céu não seria o lugar maravilhoso que fora projetado para ser se fossem excluídos dele.

Duas coisas separavam Lutero do resto dos homens. Primeiro, ele sabia quem Deus era. Segundo, ele entendeu as exigências da lei de Deus. Ele dominava o conhecimento da lei, mas até compreender o evangelho, morreria em sua tormenta.

Então aconteceu a experiência religiosa máxima de Lutero. Deu-se na quietude, na reclusão de seus estudos. Foi uma experiência que envolveu um novo entendimento de Deus, um novo entendimento da sua justiça divina. Era um entendimento de como Deus poderia ser misericordioso sem comprometer sua justiça. Era um novo entendimento de como um Deus santo expressa um amor santo:

> Eu desejava ardentemente entender a epístola de Paulo aos Romanos e nada me impedia, a não ser aquela única expressão "a justiça de Deus", por-

que tomava seu significado referindo-se a como Deus é justo e lida justamente ao punir o injusto. Minha situação era que, apesar de ser um monge impecável, eu estava diante de Deus como um pecador perturbado por sua consciência, e não tinha nenhuma confiança de que meu mérito iria aplacá-lo. Portanto, eu não amava um Deus justo e irado, mas o odiava e murmurava contra ele. No entanto, apeguei-me ao estimado Paulo e tinha um grande desejo de saber o que ele queria dizer.

Noite e dia, eu ponderava até que vi a conexão entre a justiça de Deus e a afirmação de que "o justo viverá pela fé". Então compreendi que a justiça de Deus é a justiça pela qual, através da graça e pura misericórdia, Deus nos justifica pela fé. Por causa disso, senti-me renascer e atravessar as portas abertas do paraíso. Toda a Escritura passou a ter um novo significado, e se antes a "justiça de Deus" me enchia de ódio, agora se tornou indescritivelmente doce em grandioso amor. Essa passagem de Paulo se tornou para mim um portão do céu...

Se você verdadeiramente crê que Cristo é seu Salvador, então imediatamente você possui um Deus gracioso, pois a fé o guiará e abrirá o coração e a vontade

> de Deus, para que veja a pura graça e o amor transbordante. Isso é contemplar a Deus em fé, para que veja seu coração paternal e amigável, no qual não há ira nem ausência de graça. Aquele que vê um Deus irado não o vê corretamente, mas olha como que através de uma cortina, como se houvesse nuvens escuras diante de sua face. (Bainton, 50)

Assim como Isaías, Lutero sentiu aquela brasa viva em seus lábios. Descobriu o que significava estar perdido. Mais tarde, ele disse que antes que pudesse provar um pouco do céu, Deus precisou balançá-lo sobre o abismo do inferno. Deus não derrubou seu servo no abismo; ele salvou seu servo do abismo. Provou que é um Deus tanto justo quanto justificador. Quando Lutero compreendeu o evangelho pela primeira vez, as portas do paraíso se escancararam e ele as atravessou.

"O justo viverá pela fé." Esse era o grito de guerra da Reforma Protestante. A ideia de que a justificação era somente pela fé, somente pelos méritos de Cristo, era tão central ao evangelho que Lutero a classificou como "o artigo pelo qual a igreja permanece ou cai". Lutero sabia que essa era a condição pela qual ele próprio permaneceria de pé ou cairia.

Uma vez que Lutero compreendeu o ensino de Paulo em Romanos, ele renasceu. O peso de sua culpa foi retirado. O tormento enlouquecedor terminou. Isso significava tanto àquele homem que ele era capaz de enfrentar papa e concílio, príncipe e imperador e, se necessário, o mundo inteiro.

Lutero era louco? Talvez. Mas se fosse, nossa oração é para que Deus envie à terra uma epidemia de tal insanidade para que também nós possamos provar dessa justiça que vem somente pela fé.

Capítulo Seis

A Justiça da Santidade

Quem que lê o Antigo Testamento normalmente se debate com a aparente brutalidade dos juízos de Deus que lá se encontram. Para muitos, aí termina sua leitura. Tropeçam nas passagens violentas, as quais intitulamos de "palavras duras". Alguns veem nesses dizeres razão suficiente para rejeitar o cristianismo. Tais palavras duras parecem fornecer motivos de sobra para desprezar o "Deus do Antigo Testamento". Outros tentam suavizar o impacto tornando o Antigo Testamento em parábolas religiosas ou classificando as passagens mais brutais como mitos primitivos. Alguns

chegam ao ponto de dizer que o Deus do Antigo Testamento é diferente do Deus do Novo Testamento.

Neste capítulo, quero olhar bem nos olhos do Deus do Antigo Testamento. Quero examinar algumas das passagens mais difíceis e ofensivas que podemos encontrar no Antigo Testamento e averiguar se podemos dar-lhes sentido. Mas cuidado, este capítulo não é para pessoas de estômago ou coração fracos.

Comecemos com a história de Uzá. Quando Davi ascendeu ao reinado de Israel, rapidamente agiu para consolidar seu reino. Ele decidiu trazer a arca da aliança, o objeto mais sagrado de Israel, de volta para seu lugar central. A arca havia sido capturado pelos filisteus. Quando a arca retornou, foi guardada seguramente até o tempo da sua restauração pública.

Finalmente, o tempo chegara. Davi disse: "tornemos a trazer para nós a arca do nosso Deus; porque nos dias de Saul não nos valemos dela. Então, toda a congregação concordou em que assim se fizesse; porque isso pareceu justo aos olhos de todo o povo" (1 Crônicas 13.3-4).

Os israelitas puseram a arca de Deus num carro novo e a levaram da casa de Abinadabe, com Uzá e Aiô guiando-a. Davi e os israelitas celebravam diante de Deus com todas as suas forças, com canções e música.

> Quando chegaram à eira de Quidom, estendeu Uzá a mão à arca para a segurar, porque os bois tropeçaram. Então, a ira do SENHOR se acendeu contra Uzá e o feriu, por ter estendido a mão à arca; e morreu ali perante Deus. Desgostou-se Davi, porque o SENHOR irrompera contra Uzá; pelo que chamou àquele lugar Perez-Uzá, até ao dia de hoje. (1 Crônicas 13.9-11)

A forma como Deus executou Uzá provoca protestos entre os leitores que foram ensinados que Deus é um Deus de amor e bondade. A Bíblia diz que Deus é paciente e tardio em irar-se, mas não demorou muito para que a sua ira rompesse contra Uzá.

Certamente Uzá reagiu instintivamente. Ele fez o que qualquer judeu piedoso teria feito ao ver a arca caindo na lama. Não foi um desafio premeditado contra Deus. Do nosso ponto de vista, até parecia algo heroico.

Qual foi o pecado de Uzá? Para responder isso, precisamos olhar para a história judaica da constituição do sacerdócio. Para ser um sacerdote em Israel, a pessoa tinha de ser da tribo de Levi. Um ramo especial dos levitas eram os coatitas. Eles havia sido consagrados por Deus para uma tarefa altamente especializada. Eram treinados para um único trabalho: cuidar dos utensílios sagrados do templo.

É importante lembrar que o tabernáculo era uma tenda. Quando as tribos de Israel se mudavam, carregavam consigo o tabernáculo a fim de que Deus estivesse no meio deles. Quando o tabernáculo era transportado, era primeiro necessário cobrir e proteger os utensílios sagrados: "havendo, pois, Arão e seus filhos, ao partir o arraial, acabado de cobrir o santuário e todos os móveis dele, então, os filhos de Coate virão para levá-lo; mas, nas coisas santas, não tocarão, *para que não morram*; são estas as coisas da tenda da congregação que os filhos de Coate devem levar" (Números 4.15, ênfase adicionada).

Uzá era provavelmente um coatita. Ele conhecia exatamente seus deveres. Sabia que tocar a arca era uma ofensa capital. A nenhum coatita, em nenhuma circunstância, era permitido tocar a arca, nem sequer olhá-la. Ela foi construída com argolas de ouro através das quais longas varas eram inseridas, para que ficasse claro que a arca mesmo não deveria ser tocada.

Mesmo assim, Uzá tocou na arca para impedi-la de cair no chão. Um ato de santo heroísmo? Não, isso foi um ato de arrogância, um pecado de presunção. Uzá assumiu que sua mão fosse menos poluída que a terra. Mas não eram o chão ou a lama que profanariam a arca, e sim o toque de um homem. A terra é obediente. Ela

segue as leis da natureza que Deus estabeleceu. O chão não é poluído.

Deus não queria que seu santo trono fosse tocado por aquilo que estava em rebelião contra ele, aquilo que trouxe toda a criação à ruína pela sua revolta impiedosa.

Uzá não era um homem inocente. Não foi punido sem aviso. O julgamento divino não foi caprichoso. Mas havia algo fora de comum. A rapidez e finalidade da execução nos surpreende e tanto nos choca, como ofende.

Há uma razão pela qual nos ofendemos, na verdade, nos iramos, com histórias como essa. Essas coisas nos embrulham o estômago porque não compreendemos quatro conceitos bíblicos de importância vital: santidade, justiça, pecado e graça.

Quando a Bíblia fala da justiça de Deus, usualmente a relaciona com a retidão divina. A justiça de Deus está *em concordância com sua retidão*. Não existe justiça de acordo com a iniquidade. A justiça de Deus é e sempre será uma expressão de seu santo caráter.

A palavra *justiça* na Bíblia refere-se à conformidade a uma regra ou norma. Deus joga pelas regras. A norma máxima da justiça é seu próprio santo caráter. Sua retidão possui dois aspectos. Distinguimos a retidão interna de Deus da sua retidão externa. Deus é sempre

consistente com o que Deus é. Sempre age de acordo com seu santo caráter.

A Bíblia claramente ensina que Deus é o Supremo Juiz do Universo. A pergunta que nos fazemos após ler sobre Uzá é esta: será que Deus é qualificado para o trabalho? Para ser o Supremo Juiz do céu e da terra, Deus precisa ser justo. Se não o for, não teremos nenhuma esperança de que a justiça prevalecerá. Mas Deus não é como os juízes terrenos. Nele não há corrupção. Ninguém pode suborná-lo. Ele se recusa a agir com parcialidade. Não faz acepção de pessoas. Não comete erros. Sua justiça é justiça perfeita.

Deus nem sempre age com justiça. Às vezes, age com misericórdia. Misericórdia não é justiça, mas também não é injustiça. Injustiça viola a retidão. Misericórdia manifesta bondade e graça e não agride a retidão. Podemos ver *não-justiça* em Deus, que é sua misericórdia, mas jamais veremos injustiça em Deus.

Novamente questionamos: qual é a diferença óbvia entre o tom do Novo Testamento e do Antigo Testamento? Considere a questão da pena capital no Antigo Testamento. O Antigo Testamento lista inúmeros crimes que são punidos com a morte, incluindo ofensas como agredir ou amaldiçoar os pais, blasfêmia, violação do sá-

bado, e divórcio ilegal. Em contraste com o tom do Novo Testamento, tais estatutos parecem severos.

O que falhamos em lembrar, é que a lista do Antigo Testamento representa uma redução massiva de crimes capitais da lista original. O código do Antigo Testamento representa uma incrível expressão da paciência e longanimidade divinas. A lei do Antigo Testamento é de uma graça surpreendente, e o relato do Antigo Testamento é predominantemente um registro da graça de Deus.

Para compreendermos essa afirmação, precisamos voltar ao princípio, às regras original do Universo. Qual era a pena para o pecado na ordem criada original? "A alma que pecar, essa morrerá" (Ezequiel 18.4). Na criação, todo pecado é uma ofensa capital.

Na criação, Deus não tinha qualquer obrigação em nos dar o dom da vida. O dom da vida advém de sua graça e permanece sob sua autoridade divina. A tarefa dada à humanidade na criação é ser testemunha da santidade de Deus.

Deus colocou Adão e Eva em liberdade condicional e disse: "Se pecarem, morrerão". O pecado traz como consequência a perda do dom da vida. É importante notar que na criação, a penalidade pelo pecado não era somente

a morte, mas morte instantânea: "no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gênesis 2.17).

Vários comentaristas tentaram suavizar o aviso divino interpretando o termo "morte" de Gênesis 2 como um tipo de morte espiritual. Não é isso que o texto diz. A penalidade de morte da qual Deus alertou era uma morte real. Certamente Adão e Eva sofreram uma morte espiritual, mas Deus concedeu misericórdia em termos da medida completa da penalidade. No caso da criação e da queda da humanidade, a justiça foi adiada para que a graça tivesse tempo para trabalhar.

A penalidade de morte pelo pecado é injusta? De maneira nenhuma. Lembre-se que Deus nos criou voluntariamente. Deu-nos o mais alto privilégio de portarmos sua imagem. Fez-nos um pouco menor do que os anjos. Livremente nos deu domínio sobre toda a terra.

O pecado é uma traição contra o perfeitamente puro Soberano. É uma ação de suprema ingratidão contra aquele a quem tudo devemos, aquele que nos deu a própria vida. Quando desobedecemos nosso Criador, mesmo nos menores pontos, dizemos que nosso juízo é melhor que o dele, que não estamos debaixo da sua autoridade.

Hans Küng, polêmico teólogo católico romano, abordou os julgamentos aparentemente duros que Deus

faz no Antigo Testamento contra o pecado dizendo que o aspecto mais misterioso do pecado não é que o pecador mereça morrer, mas que continuem muitas vezes a existir.

A chave para a observação de Küng é que ele fala sobre pecadores continuarem a viver. É comum ou normal Deus ser paciente. De fato, ele é tão tardio em irar-se que quando sua ira irrompe, ficamos chocados e ofendidos. Esquecemo-nos rapidamente que a paciência de Deus tem por objetivo nos levar ao arrependimento – dar-nos tempo para sermos redimidos.

Longe de ser uma história de um Deus severo, o Antigo Testamento registra um Deus que é extremamente paciente. O Antigo Testamento é a história de um povo persistentemente duro e desobediente que se rebela continuamente contra Deus.

Continuando nossa consideração das palavras duras do Antigo Testamento, voltemos nossa atenção para a difícil questão da conquista de Canaã. Lá, Deus explicitamente comandou a matança de homens, mulheres e crianças:

> Quando o SENHOR, teu Deus, te introduzir na terra a qual passas a possuir, e tiver lançado muitas nações de diante de ti, os heteus, e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os he-

> veus, e os jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; e o SENHOR, teu Deus, as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas aliança, nem terás piedade delas. (Deuteronômio 7.1-2)

Por que Deus emitiu tal ordem? Alguns comentaristas modernos asseveram que, à luz da revelação do amor de Deus no Novo Testamento, sabemos que Deus jamais emitiu tal ordem tão beligerante. O Antigo Testamento é meramente um registro de um grupo de hebreus primitivos e belicosos que tentaram justificar suas políticas impiedosas atribuindo-as a uma sanção divina.

Tais interpretações negligenciam alguns aspectos vitais do assunto. Primeiro, há um precedente histórico bem mais severo que a conquista de Canaã: o dilúvio. Nele, Deus destrói toda a população do mundo, com exceção de Noé e sua família. O dilúvio foi uma "conquista de Canaã" em grande escala. Segundo, e mais importante, é uma falha em compreender a natureza do pecado.

A suposição dos comentaristas é que Deus exterminou pessoas inocentes em Canaã. A verdade é que, da multidão de mulheres e crianças que viviam em Canaã, nenhuma era inocente. A conquista de Canaã era uma

expressão explícita do reto juízo de Deus contra uma nação perversa. Ele deixou esse ponto bem claro para Israel. Além disso, deixou claro aos israelitas que eles também não eram inocentes. Sobre os cananeus, Deus derramou justiça; sobre os judeus, Deus derramou misericórdia.

A santidade de Deus é o cerne da questão sobre a conquista de Canaã. De um lado, Deus agiu punindo o insulto à sua santidade que era perpetrada diariamente pelos cananeus. De outro, ele estava preparando uma terra e uma nação para um santo propósito. Deus ordenou que nenhuma misericórdia fosse demonstrada aos habitantes da terra. Caso contrário, os israelitas arriscariam se tornar como os cananeus. Em vez de adorarem a Deus, trariam sobre si a ira de Deus.

Deus não escolheu Israel porque Israel já era santo. Ele escolheu os israelitas para torná-los santos. Israel foi chamado para ser santo em dois sentidos da palavra. Foram chamados para serem diferentes, separados como um veículo do plano de redenção de Deus. Também foram chamados para serem santos no sentido de serem purificados. A salvação para as nações deveria vir de Israel. A Terra Prometida era para ser o lar para a vinda do Messias. Deus ordenou uma política de exterminação com o objetivo de purgar a terra para a salvação futura.

Devemos notar aqui que não há nenhum real conflito entre o Deus do Antigo Testamento e o Deus do Novo Testamento. Era o Deus do Antigo Testamento a quem Cristo chamava de "Pai". Foi o Deus de Abraão, Isaque e Jacó que amou o mundo de tal maneira que deu o seu único Filho para redimi-lo. Foi o zelo do Deus que matou Uzá que consumiu Cristo. Foi o Deus que destruiu o mundo através de um dilúvio, que fez chover as águas de sua graça sobre nós.

O falso conflito entre os dois testamentos pode ser visto no ato mais brutal de vingança divina jamais registrada na Escritura. Não se encontra no Antigo Testamento, mas no Novo Testamento. A mais violenta expressão da ira e justiça de Deus é vista na cruz. Se há alguém que pode reclamar de injustiça, é Jesus. Ele foi a única pessoa inocente a ser punida por Deus Pai. Se queremos nos escandalizar diante da ira de Deus, escandalizemo-nos então diante da cruz.

A cruz foi ao mesmo tempo o mais horrível e o mais belo exemplo da ira divina. Jesus Cristo voluntariamente tomou sobre si os pecados do mundo, e ao carregar nosso pecado, como o Cordeiro de Deus, ele se tornou a coisa mais grotesca e vil deste planeta. Com o fardo concentrado de pecado que carregou, ele se tornou extremamente

repugnante ao Pai. Deus derramou sua ira nesta coisa sórdida. Deus tornou Cristo maldito por causa do pecado que carregava.

Na cruz, a santa justiça de Deus foi perfeitamente manifesta. Porém o sacrifício de Cristo foi em nosso favor. Ele carregou as exigências da justiça em nosso favor. Esse "em nosso favor" da cruz é o aspecto que mostra a majestade de sua graça. Ao mesmo tempo, justiça e graça, ira e misericórdia.

Recuamos diante da justiça de Deus pois sua manifestação é pouco usual. Como Küng observou, o procedimento normal da ação de Deus é um procedimento de graça. A graça não mais nos surpreende. Nós nos acostumamos a ela e a presumimos.

Não mais nos surpreendemos que Deus nos redime. Em algum lugar lá no fundo, em um compartimento secreto de nossos corações, abrigamos a noção de que Deus nos deve sua misericórdia. O céu não seria o mesmo se fôssemos dele excluídos. Gostamos de pensar que há características redimíveis o bastante em nossa personalidade para que Deus, se for realmente justo, nos inclua na salvação. Surpreendemo-nos com a justiça, não com a graça.

A história do Antigo Testamento cobre centenas de anos. Nesse tempo Deus foi repetidamente misericor-

dioso. Quando seu julgamento divino caiu sobre Uzá, a reação foi de choque e indignação. Quando lemos sobre a queda do cananeus, nossa resposta é de horror. Passamos a esperar que Deus seja misericordioso. A partir daí, o próximo passo é fácil: nós passamos a exigir. Caso contrário, nossa reação inicial é de ira contra Deus, juntamente com o protesto "não é justo". Rapidamente nos esquecemos de que com nosso primeiro pecado, perdemos todo direito ao dom da vida. Deus não nos deve nada. Nós lhe devemos tudo.

Já que a nossa tendência humana é assumir a graça, o meu palpite é que Deus achou necessário relembrar Israel de tempos em tempos de que sua graça nunca deve ser assumida. Em ocasiões raras, mas dramáticas, ele nos mostrou o terrível poder de sua justiça. Ele matou Uzá. Ordenou a matança dos cananeus. É como se dissesse: "Cuidado. Enquanto desfrutam dos benefícios de minha graça, não se esqueçam da minha justiça. Lembrem-se de que eu sou santo."

Capítulo Sete

A Paz da Santidade

Lembro-me de um dia abafado de verão em 1945, quando eu jogava beisebol nas ruas de Chicago. Naquela época, meu mundo consistia nos imóveis que se estendiam de uma tampa de bueiro até a próxima. Tudo o que me importava era que tinha chegado minha vez de rebater. Fiquei profundamente irritado quando fui interrompido por um surto de caos e barulho ao meu redor. As pessoas corriam para fora da porta de suas casas, gritando e batendo panela. Pensei por um segundo que fosse o fim do mundo. Era certamente o fim do meu jogo. Naquela

confusão desenfreada, vi minha mãe correndo em minha direção, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Ela me tomou em seus braços, me apertou e soluçando disse: "Acabou! Acabou! Acabou!"

Era o dia V-J[1], 1945. Eu não sabia o que aquilo representava, mas uma coisa era clara. Significava que a guerra havia acabado e que meu pai voltaria para casa. A guerra havia acabado e a paz havia, finalmente, chegado.

Minha impressão, naquele dia, era que a paz viera para sempre. Não tinha ideia de quão frágil ela era. Pareceu-me um espaço de tempo tão curto até que os repórteres dessem advertências assustadoras sobre o acúmulo de tropas na China, a ameaça nuclear da Rússia e o bloqueio em Berlin.

Aquele momento de júbilo deixou uma marca duradoura em mim. Aprendi que a paz é algo importante, um motivo de comemoração ilimitada quando estabelecida e de remorso amargo, quando perdida. Logo aprendemos a não confiar demais na paz. A guerra se introduz tão rapidamente, tão facilmente. Ansiamos por uma paz duradoura na qual podemos confiar.

Esse é precisamente o tipo de paz que o apóstolo Paulo declara em sua epístola aos Romanos. Sua compre-

---

1 N. do T.: o dia da vitória sobre o Japão na Segunda Guerra Mundial, a última nação da aliança do Eixo a se render.

ensão da paz foi duramente obtida, sendo esmagadoramente conquistada por Deus.

Saulo de Tarso era um zeloso fariseu, que sentia total repulsão pelo advento da facção chamada cristianismo. Ele estava determinado em exterminar os cristãos da face da terra. Ele se alegrou quando recebeu uma nova missão de ir a Damasco para continuar seu massacre aos cristãos. Foi na estrada de Damasco que ele se encontrou com o Santo. Ele recontou tal cena durante seu julgamento diante do rei Agripa.

> Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo. E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa é recalcitrares contra os aguilhões. Então, eu perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que o Senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e

> da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim. Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial. (Atos 26.13-19)

Saulo era zeloso em sua busca por justiça. Era um fariseu de fariseus, um homem comprometido à perfeição legal. A ironia em seu zelo pode ser vista no fato de que quanto mais zeloso ele era em sua busca para atingir seu alvo, tanto mais se opunha à obra de Deus. Nessa batalha irônica, ele estava fadado ao confronto máximo contra o próprio Cristo ao qual se opunha.

Saulo relata que sua experiência na estrada do deserto começou com a aparição de uma luz reluzente. Para uma luz ser notada em contraste ao sol do deserto, ela deve ter sido realmente extraordinária. Saulo a descreve como "uma luz no céu"; era a glória de Deus, a manifestação exterior da sua Santidade.

Alguma força sobrenatural lançou Saulo ao chão. Em um instante, Saulo estava cego. Não houve aviso, nem sussurrar no vento para alertá-lo. Soberana e poderosamente, ele foi derrubado no chão do deserto.

Junto com a luz do céu, veio também uma voz. A voz endereçou Saulo pessoalmente através da repetição de seu

nome, forma que indica intimidade: "Saulo, Saulo, por que me persegues?". Repare que a voz não inquire por que Saulo perseguia a igreja cristã. Antes, é dito: "por que *me* persegues?". Atacar a igreja de Cristo é atacá-lo diretamente.

Saulo respondeu com uma pergunta simples, mas carregada de significado: "Quem és tu, Senhor?". Saulo não conhecia a identidade daquele que o havia subjugado, mas algo era certo – quem quer que fosse, ele era Senhor.

Nessa experiência, Saulo se tornou Paulo, assim como Jacó, após lutar contra Deus, teve seu nome mudado para Israel. A batalha terminara. Paulo lutou contra Deus e perdeu. Aqui, assim como foi com Isaías, Paulo recebeu seu chamado, sua comissão ao apostolado. Sua vida foi transformada, e o curso da história, mudado com ela. Em sua derrota, Paulo encontrou paz.

Após contar essa história ao rei Agripa, Paulo adiciona estas palavras: "Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial". Da forma como fora zeloso *contra* Cristo, Paulo se tornou muito mais zeloso em sua luta *por* Cristo. Ele teve uma visão da santidade de Deus que foi tão intensa que jamais esqueceu. Ele a contempla e expõe seu significado nas epístolas que escreveu. Tornou-se um homem que entendeu o que significava ser justificado. Para ele, a guerra santa havia acabado, e ele

encontrara paz santa. Ele se tornou o apóstolo cujos escritos despertaram Lutero, em seu mosteiro, a respeito da doutrina da justificação e deu à igreja cristã a receita para a paz permanente com Deus.

Na epístola aos Romanos, o apóstolo Paulo apresenta os benefícios imediatos, os frutos da justificação. Ele explica o que acontece quando somos justificados, quando somos cobertos pela justiça de Cristo, o que se dá pela fé somente: "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus" (Romanos 5.1-2).

O primeiro fruto da nossa justificação é paz com Deus. Para o judeu antigo, a paz era um bem precioso, mas volátil. Os judeus ansiavam pela paz; aspiravam pelo dia em que as espadas seriam moldadas em arados. Esperavam pela era em que o Príncipe da Paz viria para acabar com as hostilidades incessantes.

E mesmo assim, a atual turbulência no Oriente Médio parece como uma repetição da história antiga. Desde os dias da conquista de Canaã até o período da ocupação romana, nos tempos do Novo Testamento, houve apenas alguns poucos anos em que Israel não estivesse em guer-

ra. A localização da Palestina, uma ponte terrestre crucial entre a África e a Ásia, a transformou em um corredor não só para o comércio, mas também para a guerra. A pequena nação de Israel se via, muitas vezes, presa entre potências mundiais adversárias. A paz era evasiva e curta.

Contudo, quando Deus assina um tratado de paz, ele é perpétuo. A guerra acaba – para sempre e sempre. Claro, ainda pecamos. Ainda nos rebelamos. Ainda cometemos atos hostis contra Deus. Mas Deus não é um adversário. Ele não será arrastado para uma guerra contra nós. Temos um mediador que mantém a paz. Ele governa sobre a paz pois é tanto o Príncipe da paz quanto a nossa paz (Efésios 2.14).

Agora, somos chamados de filhos de Deus, um título concedido como bênção aos pacificadores. Deus lida com nosso pecado como um Pai e não como um comandante militar. Temos uma paz selada e garantida a nós por Cristo.

A referência primária da palavra *paz* é o fim do conflito militar. Mas há um significado mais profundo ligado a ela também. Os judeus também estavam profundamente preocupados com a paz interior, o descanso tranquilo da alma que implicava no fim de um espírito perturbado. Possuímos um conceito similar quando falamos sobre "paz de espírito".

Da mesma forma, a paz da justificação não é somente externa. Os desejos mais profundos de paz interior também são achados em Cristo. Agostinho certa vez orou: "fizeste-nos para ti e inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em ti". Todos sabemos o que significa ser atingido por inquietação interior. Conhecemos o sentimento corrosivo de vazio e culpa que vem do afastamento de Deus. Uma vez que a paz é estabelecida, esse terrível vazio é preenchido e nosso coração pode acalmar.

O Novo Testamento chama isso de "paz... que excede todo o entendimento" (Filipenses 4.7). É uma paz santa, uma paz diferente da paz terrena rotineira. É um tipo de paz que só Cristo pode conceder. É o tipo de paz que o próprio Cristo possui. Pelos evangelhos, sabemos que Jesus possuía poucas posses neste mundo. Não possuía casa; não possuía um lugar onde reclinar a cabeça. Sua única posse era sua túnica. Essa valiosa túnica lhe foi roubada pelas pessoas designados para sua execução. Parece, então, que ele morreu sem um tostão, sem herança para deixar.

Nós, cristãos, somos herdeiros de Cristo. À primeira vista, pode parecer que somos herdeiros sem herança. Contudo, a Bíblia deixa claro que Deus se agradou em dar o reino para seu Filho amado. Jesus tinha uma herança de seu Pai, e ele passou tal herança para nós. Ele prometeu

que algum dia ouviremos as palavras: "Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mateus 25.34).

O reino de Deus não é nossa única herança. Em suas últimas palavras e seu testamento, Jesus deixou algo mais a seus herdeiros: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (João 14.27).

Este é o legado de Cristo: paz. Sua paz é nossa herança. Ele dá esse presente de forma diferente do mundo. Ele nos dá sua paz para o nosso benefício e não o seu próprio. É um presente de outro mundo, dado de uma forma de outro mundo. É nosso para sempre.

A paz é apenas um dos frutos imediatos da justificação. Além dela, essa santa paz nos dá algo mais: acesso. A palavra *acesso* é crucial a todos que lutaram contra um Deus santo. Uma placa escrita "Entrada Proibida" foi posta nos portões do Paraíso uma vez na história. Até mesmo o templo do Antigo Testamento não permitia a entrada de pessoas comuns ao trono de Deus.

No momento em que Jesus foi sacrificado, no instante que o Justo morreu pelos injustos, o véu do templo foi rasgado. A presença de Deus se tornou acessível para nós. Temos acesso à sua graça, mas muito mais que

isso, temos acesso a ele próprio. Pessoas que foram justificadas não mais precisam dizer ao Santo: "retira-te de mim, porque sou pecador". Agora somos bem vindos na presença de um Deus santo. Achegamo-nos cobertos pela justiça de Cristo.

A Bíblia convida a nos aproximarmos do trono da graça com confiança. Uma outra tradução usa a palavra *intrepidez*. Como pessoas justificadas, podemos nos aproximar de Deus com intrepidez. Não se deve confundir ser intrépido ou confiante com ser arrogante ou insolente, porém não há motivo para nos afastarmos dele ou hesitarmos em entrar. Mas ao nos aproximarmos, devemos lembrar de duas coisas: (1) quem ele é e (2) quem nós somos.

Para o cristão, a guerra santa acabou; a paz foi estabelecida. Temos acesso ao Pai. Mas ainda devemos tremer diante de Deus. Ele permanece santo. Nosso tremor é expressão de admiração e veneração e não o tremor de um covarde. Lutero explicou da seguinte forma: devemos temer a Deus não com o termo servil similar ao de um prisioneiro diante de seu algoz, mas como crianças que não desejam desagradar seu Pai amado. Chegamo-nos a ele com confiança; chegamo-nos a ele com intrepidez. Temos acesso. Temos paz santa.

Capítulo Oito

O Chamado à Santidade

Cristãos eram chamados de "santos" na igreja primitiva. Desde então, o significado da palavra *santo* passou por drásticas modificações em nosso vocabulário. Hoje, a palavra *santo* evoca a imagem de uma pessoa extremamente justa, de piedade e poder espiritual extraordinários. A Igreja Católica Romana tornou o termo em um título àqueles que foram canonizados, uma espécie de lista de heróis e heroínas espirituais.

A Bíblia usa a palavra *santo* para descrever o crente comum. No Novo Testamento, todo o povo de Deus re-

cebe o título *santo*. Pode parecer estranho que o termo se refira a crentes que lutam contra todo o tipo de pecado. Quando lemos as epístolas de Paulo, estranha-nos que ele chame as pessoas de santas e depois as repreende pelos seus comportamentos tolos e pecaminosos.

Os santos na Escritura eram chamados de santos não por serem puros, mas por serem separados e chamados à pureza. A palavra *santo* possui os mesmos dois aspectos aplicáveis à Deus quando aplicada às pessoas. Lembramos que quando a palavra *santo* é usada para descrever Deus, ela não só ressalta o sentido em que ele é diferente e separado de nós, mas também ressalta sua pureza absoluta. Mas não somos Deus. Não somos transcendentes; certamente não somos puros. Como então a Bíblia pode nos chamar de "santos"?

Para responder essa questão, precisamos olhar para o Antigo Testamento. Quando Deus tirou Israel da escravidão do Egito e fez deles uma nação especial, ele os separou. Chamou-os de povo escolhido e lhes deu uma comissão especial. Ele disse: "sereis santos, porque eu sou santo" (Levítico 11.44).

Essa chamada especial para Israel não era novidade. Não começou com Moisés, ou mesmo Abraão. A chamada à santidade foi primeiro dado a Adão e Eva. Era a

incumbência original da raça humana. Fomos criados à imagem de Deus. Ser criado à imagem de Deus significa, entre outras coisas, que fomos feitos para espelhar e refletir o caráter de Deus. Esse é o fim principal do homem e a própria razão da nossa existência.

Igrejas presbiterianas usam o Breve Catecismo de Westminster para instruir as crianças. A primeira pergunta do catecismo é: "Qual é o fim principal do homem?". A pergunta diz respeito à responsabilidade primária carregada por todo ser humano. A resposta diz: "O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre".

Quando menino, tive dificuldade com essa pergunta. Eu não conseguia conciliar as duas partes da resposta. Era incapaz de perceber como gozar e glorificar a Deus se encaixavam. Eu compreendia que glorificar a Deus envolvia algum tipo de obediência à sua lei. Isso não me parecia muito divertido. Eu já reconhecia o conflito entre minha própria satisfação e a obediência à lei de Deus. Recitava devidamente a resposta requerida mesmo sem uma compreensão real da mesma. Via Deus como uma barreira à minha alegria. Viver para a sua glória não era o fim principal que eu tinha em mente. Acho que Adão e Eva tiveram um pouco de dificuldade com isso também.

Há uma diferença entre felicidade e prazer. Meus pecados não me traziam felicidade. Mas meus pecados me davam prazer. Gosto de sentir prazer. Ainda sou muito atraído ao prazer. O prazer pode ser muito divertido. E nem todo prazer é pecado. Há vários prazeres que podem ser corretos. Mas a diferença permanece. O pecado pode ser prazeroso, mas nunca traz felicidade.

Parece absurdo que alguém que saiba a diferença entre felicidade e prazer negocie a felicidade pelo prazer. Parece tolice completa uma pessoa fazer algo que lhe roubaria a própria felicidade. O mistério do pecado não é que seja só perverso ou destrutivo, mas também que ele é absolutamente estúpido.

Nosso problema é que fomos chamados para ser santos, mas não somos santos. Então ressurge a pergunta: se não somos santos, por que a Bíblia nos chama de "santos"?

A Bíblia de fato nos chama de "santos". Somos santos pois fomos consagrados a Deus. Fomos separados. Chamados para uma vida diferente. A vida do cristão é uma vida de inconformidade. Essa ideia é expressa em Romanos:

> Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício

> vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Romanos 12.1-2)

No Antigo Testamento, a adoração era centralizada no altar, com a apresentação de sacrifícios a serem oferecidos a Deus. Na maior parte, essas ofertas de animais e de cereais eram ofertas pelo pecado. Eram símbolos que apontavam para o grande sacrifício que seria realizado na cruz. Após o Cordeiro perfeito ser morto, os sacrifícios no altar cessaram. Ofertá-los hoje seria um insulto ao sacrifício perfeito de Cristo.

Já que o tempo de sacrifício de animais acabou, muitos assumem que Deus considera repugnante qualquer sacrifício que lhe seja oferecido. Isso simplesmente não é verdade. Aqui o apóstolo Paulo convoca um novo tipo de sacrifício, um sacrifício vivo de nossos corpos. Devemos dar a Deus não nossos cereais ou animais, mas nós mesmos. Esse novo sacrifício não é um ato de expiação; não uma oferta pelo pecado. Esse sacrifício de nossos corpos a Deus é uma oferta de gratidão. Paulo inicia com a conjunção "pois".

Em Romanos 12, o "pois" faz referência a tudo o que o apóstolo afirmou nos capítulos anteriores com respeito à obra salvadora de Cristo em nosso favor. A palavra nos conduz a única conclusão apropriada que podemos tirar de sua obra. À luz da graciosa justificação que Cristo conquistou para nós, a única conclusão sensata que podemos tirar é que devemos nos apresentar diariamente a Deus como sacrifícios que andam, respiram e vivem.

Com que se parece um sacrifício vivo? A primeira descrição de Paulo é em termos de inconformidade. "Não vos conformeis com este século." É nesse ponto que muitos cristãos se desviam. Está claro que devemos ser inconformistas. Mas é difícil compreender precisamente para qual tipo de inconformidade fomos chamados.

Um estilo superficial de inconformismo é uma armadilha farisaica clássica. O reino de Deus não é sobre trivialidades tais como deixar de ir ao cinema ou de dançar, pois parecem mundanos. Deus não está preocupado com o que comemos ou bebemos. O chamado ao inconformismo é um chamado a um nível mais profundo de integridade que vai além de aspectos exteriores. Quando a piedade é definida exclusivamente em aspectos exteriores, o ponto do ensino do apóstolo se perde. De alguma forma, falhamos em ouvir as palavras de Jesus de que não é aquilo que entra

pela boca de um homem que o contamina, mas o que sai de sua boca (Mateus 15.11). Ainda queremos transformar o reino em uma questão de comida e bebida.

Por que tais distorções se alastraram nos círculos cristãos? A única resposta que posso dar é que se alastraram por causa do pecado. Nossos distintivos de piedade podem ser evidências de impiedade. Quando tornamos coisas como dançar ou ir ao cinema em testes de espiritualidade, imitamos os fariseus e nos tornamos culpados de substituir a moralidade genuína por uma versão barata. Qualquer um pode evitar dançar ou ir ao cinema. O que é difícil é controlar a língua, agir com integridade ou exibir o fruto do Espírito.

Qualquer um pode ser um inconformado por amor ao inconformismo. Novamente, quero enfatizar que isso é uma piedade barata. Em última instância, somos chamados para algo mais do que só o inconformismo; somos chamados à transformação. Quando somos chamados a sermos transformados, isso significa que devemos ir além das formas e estruturas deste mundo. Os cristãos que se entregam como um sacrifício vivo e que oferecem dessa forma sua adoração são pessoas com um padrão elevado de disciplina. Eles não se satisfazem com formas superficiais de integridade.

O método fundamental que Paulo ressalta como o meio para a vida transformada é a renovação da mente. Isso significa nada mais, nada menos que educação. É uma convocação para dominarmos a Palavra de Deus. Precisamos ser pessoas cujas vidas mudaram pois nossas mentes mudaram.

Para nos conformarmos a Jesus, precisamos primeiro pensar como ele. Precisamos da mente de Cristo. Precisamos valorizar o que ele valoriza e desprezar o que despreza. Precisamos ter as mesmas prioridades que ele tem. Precisamos considerar importante o que ele considera importante. Isso não acontecerá sem um domínio de sua Palavra. A chave para o crescimento espiritual é uma educação cristã profunda que exige um nível considerável de sacrifício.

Esse é o chamado à excelência que recebemos. Não devemos ser como o resto mundo, satisfeitos em viver suas vidas com um conhecimento superficial de Deus. Devemos crescer, ficar insatisfeitos com leite espiritual e desejar carne espiritual.

Ser santo significa ser separado. Mas significa mais do que isso. Os santos também devem estar envolvidos no processo vital da santificação. Devemos ser diariamente purificados na busca crescente pela santidade. Se somos justificados, devemos também ser santificados.

Lutero usou uma maravilhosa frase em latim para descrever o estado do cristão: *simul justus et peccator,* que significa "simultaneamente justo e pecador". É isso que santos são, pessoas que são simultaneamente justas, mas também pecadoras.

Que os santos ainda sejam pecadores é algo óbvio. Mas santos também são justos pois foram justificados. Em si mesmos, eles não são justos. São declarados justos aos olhos de Deus por causa da justiça de Cristo. Isso é justificação pela fé. Quando pessoalmente confiamos em Cristo e somente nele para nossa salvação, então Deus transfere a justiça de Cristo para a nossa conta. É como uma transação contábil. Deus coloca a justiça de Jesus em minha conta, enquanto ainda sou um pecador.

Tudo isso pode soar como fraude, como se Deus brincasse com jogos jurídicos. Ele nos considera justos mesmos quando não o somos em nós mesmos. Contudo esse é o evangelho. Estas são as Boas Novas: podemos apresentar uma declaração de justiça perfeita diante do trono de um Deus santo e justo. É a justiça de Cristo que, pela fé, se torna nossa. Jesus não só pagou por nossos pecados com a sua morte. A sua vida é tão importante para nós quanto sua morte. Cristo não só carrega nossos pecados, nossas dívidas e nossos deméritos, como nos

dá sua obediência, seu crédito e seus méritos. Essa é a única forma que uma pessoa injusta pode comparecer na presença de um Deus santo e justo.

Esse conceito de transferência de justiça é bastante perigoso. É facilmente confundido e seriamente abusado. Alguns assumem que se cremos em Cristo, jamais precisaremos nos preocupar em mudarmos as nossas vidas. A justificação pela fé somente pode ser vista como uma licença para pecar. Se possuímos a justiça de Cristo, por que deveríamos nos preocupar em mudar nossos caminhos pecaminosos? Tal questão jamais deveria passar pelos lábios de uma pessoa verdadeiramente justificada.

Quando Lutero corajosamente declarou a doutrina da justificação pela fé somente, ele disse: "A justificação é só pela fé, mas não pela fé que está só". Tiago disse isso de uma forma diferente: "a fé sem obras é morta" (Tiago 2.26). Fé verdadeira, ou fé salvadora, é o que Lutero chamou de *fides viva,* uma fé viva. É uma fé que exibe imediatamente os frutos do arrependimento e da justiça. Fé verdadeira sempre produz conformidade real com Cristo.

Quanto tempo leva para que o pecador comece a ser purificado? A resposta é nenhum. Não há lapso de tempo entre nossa justificação e o começo de nossa santificação.

Mas há um grande lapso de tempo entre a nossa justificação e a conclusão de nossa santificação.

Lutero usou uma simples analogia para explicar isso. Ele descreve a condição de um paciente mortalmente doente. O médico declara que possui o remédio que certamente curará o homem. No instante que o médico administra o remédio, ele declara que o paciente está curado. Naquele instante, o paciente ainda está doente, mas, tão logo toma a medicação, ele começa a melhorar. Assim é a nossa justificação. No momento em que verdadeiramente cremos, começamos a melhorar. O processo de purificação e santificação começou e certamente se completará no futuro.

O alvo do crescimento cristão é alcançar a justiça. No mundo cristão de hoje, tal afirmação pode soar radical. Os cristãos pouco falam sobre ser justo. Muitas pessoas já falaram comigo sobre ser ético, moral, espiritual ou até mesmo piedoso. Mas ninguém parece querer falar sobre ser justo. Talvez seja porque sabemos que a justiça própria é um pecado. A palavra *justiça* soa um pouco farisaica. Soa melhor falar sobre ser espiritual do que ser justo.

Ser espiritual tem apenas um propósito real. É um meio para um fim e não um fim em si mesmo. O alvo de todo exercício espiritual deve ser a justiça. Deus nos chama para ser santos. Cristo estabelece a prioridade da

vida cristã: "buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mateus 6.33). O alvo é a justiça.

Como podemos saber se estamos progredindo em nossa busca pela justiça? A Bíblia nos orienta sobre tal questão. Pessoas justas são conhecidas pelo seu fruto. Elas se tornam santas pelo poder santificador do Espírito Santo trabalhando nelas e sobre elas. O fruto da justiça é aquele fruto que o Espírito Santo produz em nós. Se queremos ser santos, se temos um desejo real pela justiça, então devemos focar nossa atenção no fruto do Espírito Santo.

O fruto do Espírito Santo é apresentado em forte contraste com o fruto de nossa natureza pecaminosa:

> Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam. (Gálatas 5.19-21)

Nessa passagem, Paulo ecoa o aviso de Jesus sobre a perda do reino de Deus. Pessoas cujas vidas são caracte-

rizadas por aquilo que é mencionado acima não herdarão o reino de Deus. Isso não quer dizer que qualquer pecado que cometamos implicará na perda do céu. Paulo está falando sobre um estilo de vida que é habitual e consistentemente caracterizado pelos vícios mencionados.

O fruto do Espírito está em contraste vívido com os pecados da carne. O fruto do Espírito produz virtudes que reconhecemos em pessoas piedosas. Considere o fruto que Paulo menciona: "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei" (Gálatas 5.22-23).

Essas são marcas de uma pessoa que está crescendo em santidade. Essas são virtudes que somos chamados a cultivar. Para gerarmos o fruto do Espírito, precisamos praticar o fruto do Espírito. O Espírito trabalha em nós para nos ajudar em nossa prática do fruto, mas somos chamados para lutarmos com todas as nossas forças para produzir tal fruto.

Nessa lista de fruto do Espírito, o apóstolo nos dá a receita de nossa santificação. Ela não é nada fácil. Mesmo assim, a Bíblia nos ajuda na tarefa de visualizar é a santidade. Nosso foco deve estar no fruto do Espírito. Paulo adiciona as seguintes palavras à lista de virtudes

que constituem o fruto do Espírito: "E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito" (Gálatas 5.24-25).

Se estamos em Cristo, já fomos despertados. Fomos ressuscitados de nossa morte espiritual à uma vida espiritual. Mas nossa visão ainda está nebulosa e algumas vezes perambulamos como zumbis. Retemos certo medo de nos aproximarmos de Deus. Ainda trememos ao pé do seu santo monte.

No entanto, à medida que o conhecemos mais, nosso amor por sua pureza se torna mais profundo e nos sentimos mais profundamente dependentes de sua graça. Aprendemos que ele é totalmente digno de nossa adoração. O fruto de nosso crescente amor por ele é o incremento de nossa reverência pelo seu nome. Nós o amamos agora, pois vemos a sua amabilidade. Nós o adoramos agora, pois vemos sua majestade. Nós o obedecemos agora, pois seu Santo Espírito habita em nós.

Projeto

Vidas em Jogo

Este livro faz parte do projeto Vidas em Jogo, elaborado pelo Ministério Fiel para a Copa do Mundo Brasil 2014, em parceria com igrejas brasileiras e com o apoio do ministério americano Ligonier.

Preparamos para você um site com diversos conteúdos gratuitos (e-books, artigos, vídeos e muito mais), para que você conheça Deus de forma mais profunda.

Visite nosso site

ministeriofiel.com.br/copa

FIEL
MINISTÉRIO

O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso site

www.ministeriofiel.com.br

MINISTÉRIO LIGONIER

O ministério americano Ligonier é a associação de ensino do Dr. R.C. Sproul, dedicado a ajudar cristãos a saberem no que creem, por que creem e a como devem viver e compartilhar sua crença.

Disponibilizamos em nosso site cursos, materiais de estudo e diversos recursos multimídia, a fim de proclamar, ensinar e defender a santidade de Deus em sua plenitude para o máximo de pessoas possível.

Visite nosso site

www.facebook.com/MinisterioLigonier

COMO VOCÊ PODE SE **APROXIMAR DE DEUS?**

Vivemos em um mundo repleto de maldades e injustiças. Muitas pessoas, no entanto, se esforçam para fazer a "sua parte", cumprindo suas obrigações e compromissos. Mas, isto é suficiente para Deus? É suficiente para você se aproximar dele?

Este livro fala sobre um dos atributos de Deus: sua santidade. Essa é uma característica especial de Deus, pois envolve todos os outros atributos dele: seu amor é santo. Sua bondade, santa. Sua justiça é santa. Mas, o que significa a santidade de Deus? E o que isso tem a ver com nossos atos de bondade?

Dr. Sproul mostra a relação entre a santidade de Deus e nosso relacionamento para com ele. Ele nos ensina como podemos nos aproximar de um Deus santo.

Dr. Sproul é ministro evangélico presbiteriano e pastor da igreja St. Andrews Chapel, na Flórida. Ele é o fundador e presidente do ministério Ligonier. Durante seus mais de quarenta anos dedicados ao ensino acadêmico e na igreja, o Dr. Sproul tem buscado transmitir as verdades profundas da Bíblia com clareza e praticidade.

Acesse nossa página na internet e faça parte da nossa comunidade
facebook.com/MinisterioLigonier & www.ministeriofiel.com.br/copa

FIEL Editora

MINISTÉRIO LIGONIER

ISBN-13: 978-65-8132-184-4

9 788581 321844